

— CADA NUMERO CONTÉM UMA OBRA COMPLETA —

• A NOVELLA POPULAR •

N.º 113



Aventuras extraordinarias
dum policia secreta

A vontade alheia



EDITOR E PROPRIETARIO, F. A. MIRANDA E SOUSA

COMRE IMP. NA EMP. LUSITANA EDITORA

C. do FERREGIAL, 23 PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO

60
REIS

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

DA NOVELLA POPULAR

C. do FERREGIAL, 23, LISBOA

vols 168665

Encyclopedia Popular

Collecção de obras de vulgarisação

● científica ao alcance de todos ●

Vulgarisar todos os conhecimentos humanos em pequenas obras, de maneira a desenvolver nos menos illustrados o gosto pelos estudos scientificos, tão necessarios para a educação do povo, eis o fim a que visa esta primorosa collecção, que enterrará verdadeiras obras primas, devida ao talento dos maiores escriptores mundiaes.

Como pode acabar o mundo

Segundo a sciencia e segundo a religião

por C. de KIRWAN

Livro de sciencia popularisada, a obra que inicia a série da *Encyclopedia Popular*, tem obtido no estrangeiro o mais colossal dos exitos.

No prelo:

- Atravez do Espaço, por Camillo Flammarion
- Os Mundos desaparecidos, por Zaborowsky
- As Estrellas e os cometas, por Secchi
- O Panorama dos Seculos, por J. Weber
- A Inteligencia e o cerebro, por G. M-tisse
- Magnetismo e Espiritismo, por G. Danville
- O Alcoolismo e os seus estragos, por Serfeux e Mathieu
- A Fisiologia de Espirito, por Paulhan, etc. etc.

100 rs. CADA VOLUME BROCHADO E =NITIDAMENTE IMPRESSO= rs. 100

EMILIO GANTE

HISTORIA POPULAR DA PROSTITUIÇÃO

Desde os primitivos tempos até á actualidade

Acham-se publicados tres volumes

- I Obscenidades primitivas—A Prostituição na Antiga Grecia 300
 - II Impudicicias de Roma Primitiva — Devassidão dos Romanos..... 300
 - III Desmoralisação Franceza—Tempos modernos.. 300
- No prelo:
- IV. (e ultimo volume) Tempos modernos..... 300

Um romance completo por OS BONS ROMANCES

200 REIS

Publicação mensal de grande formato

≡CADA VOLUME CONTEM≡
≡ 14:00 LINHAS ≡
DE LEITURA EMPOLGANTE

Volumes publicados:

- O homem das multidões, de Pierre Zaccane.
- O casamento d'um forçado, de A. Bouvier.
- A aposta maldita, por Jules de Gastiny.
- Os Facas d'Oiro, por Paulo Féral.
- As filhas do povo, por Alexis Bouvier.

No prelo:

A EXPIAÇÃO

◆ Sensacional romance de JULIO MARY ◆

Estes romances, seleccionados com escrupulosa attenção, comporão uma verdadeira bibliotheca popular de educação.

200 OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

● REIS ● um bom romance completo

100 maneiras de nos defendermos na rua COM ARMAS

200 Rs. 1 volume de 160 paginas, profusamente illustrado, impresso em magnifico papel

Modern-Bibliotheca

Collecção de romances dos melhores auctores

◆ ◆ ◆ Edições luxuosissimas ◆ ◆ ◆
com bellas e numerosas gravuras intercalladas
◆ ◆ ◆ no legio ◆ ◆ ◆ ◆ ◆

A *Modern-Bibliotheca* é constituida por edicoes luxuosas e artisticas; e insere as obras primas dos melhores escriptores modernos.

Volumes publicados:

- I—Ditosa lar, por Marcel Préost
- II—Phrodite, por Pierre Louys
- III—Prima Laura, por Marcel Préost

500 Rs. Preço de cada volume brochado Rs. 500

ACD
823.91
D598.99
P47 v. 5 no. 113

A vontade alheia

por Conan Doyle

CAPITULO I

Qual era o motivo da confusão na Bolsa da cidade de Sand

Sherlock Holmes o celebre criminalista e o seu fiel ajudante Harry Taxon passeavam por uma espaciosa sala da Bolsa da cidade á hora em que era maior a concorrência.

Notava-se em todos quantos ali estavam uma grande ansiedade em seguir o curso da Bolsa que se mostrava n'aquelle dia muito oscillante.

— Com certeza, senhor Holmes, que vão fechar com baixa.

Mal Harry Taxon proferira estas palavras, apresentou-se um empregado dos telegraphos á procura do director.

Avisado de que havia um telegramma para elle, correu ao encontro do empregado.

Pouco depois alguém pronunciou uma phrase ter-rível que se espalhou rapidamente pela sala.

— Deu-se uma baixa enorme!

Durante alguns instantes houve a mais profunda inquietação que se traduziu por um profundo silencio

entre todos que estavam presentes. Mas bem depressa se lhe seguiu uma confusão e um alvoroço indescriptiveis.

Afim de conhecer melhor a situação o celebre criminalista seguiu pelos corredores acompanhado por Harry Taxon.

— O teu presentimento saiu certo, Harry; mas a avaliar pelas phrases que tenho ouvido, houve alguém que surprehendeu as tuas palavras e crêem que temos informações particulares.

Harry Taxon preparava-se para manifestar aos assistentes que a sua affirmação não era devida a quaesquer informações que houvesse recebido. Mas originada apenas por um d'esses presentimentos que acodem, sem se saber como, quando se interrompen subitamente.

O seu mestre acabava de receber um sobrescripto das mãos d'um empregado da Bolsa.

O criminalista deu-se pressa em abri-lo; continha as linhas seguintes:

«Allan Wyler, director do Banco *Standord* communica-lhe que é esperado com urgencia assim como o seu amigo no hotel Britannico».

Estas laconicas palavras mergulharam o criminalista no mais profundo assombro.

Não se trataria simplesmente d'um pretexto para

o obrigar a sair d'aquella sala? Não teriam apenas o fim de o afastar?

Entretanto, como não podia ter a certeza po que pensava, julgou opportuno attendêr á communicacão e dispoz-se a retirar-se com Harry Taxon.

Enquanto seguiam pelos corredores e pela sala puderam ouvir os comentarios que se faziam por todos os lados aerea da triste noticia que o telegrapho havia participado sobre a baixa das açõs das minas de diamantes, na Bolsa de Londres.

—Em março de 1907 estavam as açõs de Deeber a 29½ libras e hoje estão, a avaliar pelas noticias recebidas, a 11¾/16, dizia um. E' a baixa mais sensivel a que tenho assistido na minha vida. Devido a ella o Banco vaê perder rios de dinheiro.

N'este intervalo porém, Sherlock Holmes mudara de parecer e entrou de novo na sala acompanhado de Harry Taxon. Em seguida apresentou-se ao director que estava no seu gabinete e disse-lhe:

—Director Wylér; chamo-me Sherlock Holmes e este mancebo que me acompanha é o meu ajudante Harry Taxon.

«Póde informar-me do motivo porque me indicam que me retire d'aqui com a maior urgencia?

O director quedou-se mudo de assombro, mas passada aquella impressão, retorquiu:

—E' possível! Enganaram-me. Peço lhes portanto desculpa pelo caso que se deu. Dar-lhes hei todas as explicações: recebi um aviso secreto de que se encontravam aqui duas victimas da baixa de que acabo de ser informado, com o proposito de me hostilisarem.

—Julguei que se tratava dos senhores e não os perdi de vista; quando lhes dava toda a minha attentão, ouvi um dos senhores annunciâr a baixa cuja noticia o telegrapho me confirmou.

—Dir-me-hão agora, se não tinha motivos sufficientes para julgar que fossem os senhores aquelles de cujos fins me tinham avisado.

Sherlock Holmes ouvira o director com o sorriso nos labios, e quando terminou, disse-lhe com toda a serenidade:

—Sinto deveras que se enganasse, tomando-nos por outros. Deu-se um *qui pro quo*, que só a si pròprio, deu.

—Quando o meu companheiro e eu entrámos, estavam discutindo acaloradamente na sala se baixavam ou subiam as açõs de diamantes de Deeber. O meu ajudante, para dizer alguma coisa, declarou que baixavam e por acaso acertou.

«Não houve mais do que isto.

O director quedou-se pensativo e repetiu as suas desculpas:

—Não foi por mal. Enganei-me simplesmente. . .

«Quería dispor de mais tempo para os attendêr, mas não me é possível. Como certamente avaliam, en-

contro-me em circumstancias que tornam necessario que empregue toda a minha actividade.

Apertou as mãos aos dois policias, despediu-se d'elles e dirigiu-se para o seu escriptorio particular.

Chegando ahi, depois de tirar o chapêu e o sobretudo que atirou para cima de um sofá, começou a andar de um lado para o outro mergulhado nas suas reflexões.

Quando se cansou de andar, deixou-se cair n'um fauteuil ao mesmo tempo que exclamava com um acento de profunda angustia:

—Será possível? Isto representa uma perda de milhares de libras! . . . Onde está então a justiça?

E' impossivel, dar sequer uma ideia da actividade que empregou o director durante algumas horas; dirigia-se incessantemente ao aparelho telephonico, communicando com os corretores, os jogadores, com os amigos e até com os confidentes.

Só quando anoiteceu é que o director se resolveu a sair; faltava-lhe apenas pegar no chapêu e na bengala, quando ouviu bater á porta do gabinete.

—Entre! exclamou,

Viu então no limiar da porta um empregado que pedia para entrar.

Teria uns trinta annos; era um typo genuinamente inglez, de cabello louro, bem penteado e usando barba curta.

Levava debaixo do braço uma volumosa carteira, na mão direita um casaco de viagem e na esquerda uma mala pequena, que collocou sobre uma cadeira.

Vendo que o patrão se dispunha a sair, foi buscar-lhe o chapêu e a bengala, e ao mesmo tempo que lhe apresentava os dois objectos disse:

—Passe muito bem, sr. Wylér! Até logo! Vejo que está com pressa.

E estendeu a mão para se despedir.

O banqueiro ficou surprehendido com a boa disposicão e a alegria que mostrava o seu empregado.

—Senhor Jolly, não posso comprehender o motivo do seu contentamento, disse elle. Se tomasse interesse pelos meus negocios não estaria tão tranquillo perante as circumstancias actuaes.

—E quaes são essas circumstancias?

—As mais difficeis que se podem imaginar; se não conseguir arranjar os meus negocios, caminho para uma bancarrota certa, respondeu o banqueiro com uma verdadeira angustia.

—Bancarrota! Mas porquê? exclamou a empregado pallido e inquieto, enquanto fixava no rosto do patrão um olhar vago e indeciso.

—Pois é possível que ignore o que succedeu? gritou o director sem poder conter a sua colera perante a attitudê do seu empregado. Succedem-me coizas assombrosas; os fundos estão baixando de uma maneira que me aterra.

—Mas a que se refere? perguntou inquieto o empregado.

—A que quer que me refira senão ás acções dos diamantes de Deeber? retrucou o director. Parece-lhe pouco baixarem de 29½ libras a 11¾/16?

—Acha-se equivocado, sr. Wyler, replicou tranquillamente o empregado. As acções dos diamantes de Deeber tiveram uma excellente liquidação.

«O negocio, por enquanto apresenta-se magnifico.

—Chama-se então magnifico a um negocio que baixou d'um modo surprehendente? exclamou o director.

—Decididamente não nos entendemos, disse o empregado, enquanto procurava uma chavesinha para abrir a carteira d'onde tirou varios documentos.

Depois de folhear alguns papeis, encontrou o que procurava e apresentou-o ao patrão.

—D'esta maneira estou certo que se ha de convencer, disse elle. E' uma credencial do protocolo tirada dos registos dos accionistas.

O director leu attentamente o papel durante algum tempo: por fim exclamou muito colerico:

—Isto é incomprehensivel. Este documento dá, acôrca do negocio, informações muito diferentes das que contem o telegramma que ha pouco recebi... E' o senhor mesmo quem o affirma.

—Não é possível. Telegraphiei esta manhã os mesmos algoritmos que se acham no documento.

—Não, senhor, este telegramma indica-os bem diferentes.

—Senhor Wyler, deve suppor que não podia telegraphar-lhe senão a verdade exacta, retorquiu o empregado.

—O que vejo é que trata dos negocios sem a minima consciencia, disse o director deversas exaltado. —E' realmente o que se deprehende do que me tem dito, respondeu o empregado desesperado pela maneira como o tratava o patrão.

Sem acrescentar uma palavra sequer, o director tirou um sobrescripto de côr da secretária, pegou no papel que este continha e atirou-o sobre a mesa.

—Leia este papel, exclamou o banqueiro; é o ultimo telegramma que me enviou.

O empregado pegou no papel e n'um momento devorou-o contheudo com os olhos.

O banqueiro fitou-o com insistencia e antes que lhe respondesse, disse com frieza e n'um tom de censura:

—Confesse que commetteu uma iniquidade... Quer arruinar-me?...

—Ser. Wyler... isto é grave, tornou a empregado pensativo. Asseguro-lhe porém que estou innocente do que se passa.

«Se me fosse permitido dar-lhe um conselho, dir-

lhe-hia que entregasse o caso a um bom policia afim de o esclarecer; ha n'isto tudo um criminoso...

E sem dizer mais nada, folheou ainda os papeis e acrescentou:

—Posso ir procurar Sherlock Holmes que se encontra no hotel Britannico.

«Se ha alguém capaz de fazer incidir a luz sobre este facto, é certamente esse criminalista.

«Quer, senhor Wyler, que vá procural-o e o ponha ao facto do que se passou?

«Se o deseja, irei immediatamente.

—Pois vá, retorquiu o director depois de alguns momentos de reflexão.

Sem hesitação o sr. Jolly poz o chapéu e saiu, dirigindo-se com a rapidez d'uma setta para o hotel Britannico.

—Posso fallar ao sr. Sherlock Holmes, de Londres? perguntou ao porteiro do hotel logo que ahi chegou.

—Tenha a bondade de esperar um momento respondeu o porteiro.

Consultou o registro dos passageiros.

Passados momentos fechou-o e disse:

—Ainda não ha muito que partiu.

—Parece que a fatalidade me persegue, exclamou o sr. Jolly consternado. E poderá dizer-me para onde se dirigiu?

—Sinto não o poder fazer, retrucou o porteiro. Como anda continuamente em viagens, nem suspeito para onde fôsse... Posso contudo dizer-lhe que se retirou do hotel ha pouco tempo, e se fôr depressa talvez o encontre no porto.

O sr. Jolly despediu-se do porteiro e mandando parar o primeiro trem que passou, saltou para elle, depois de recommendar ao cocheiro que se dirigisse a galope para o porto se queria ganhar uma boa gorjeta.

Chegando ahi saltou do trem antes mesmo de ter parado, pegou n'um retrato do policia, que tirou da carteira e deu-se pressa em examinar todos os homens que passavam para ver se algum se assemelhava á photographia.

Durante um bom bocado não tirou o minimo resultado do exame.

Cansado já de andar de um lado para o outro e desanimado já pelo pouco exito dos seus esforços, mudou de tactica e começou a dizer a quem quiz ouvil-o pretextando dirigir-se a um conhecido que ali descobrira, que era corretor da Bolsa, empregado da casa Wyler e que se achava muito preocupado com um assumpto de palpitante interesse acôrca da sessão de esse mesmo dia.

Quando proferia estas palavras, parou junto d'elle um cavalheiro acompanhado por um mancebo.

Apenas o viu o corretor Jolly, deixando o interlocutor attonito, exclamou:

— Senhor Holmes, procurava-o n'este momento.
— Não duvido; direi até mais: estava certo que andava em minha procura.

— E como o sabia?

— Dir-lh'o-hei com franqueza, retrucou o policia.

«Porque me occorreu com o sr. Wyler um incidente que me tem preocupado.

— E a mim succedeu-me a mesma coisa, replicou Jolly. Meu patrão suspeitou de mim n'um assumpto de grande importancia. . . Creio que se trata de um criminoso, tão astuto como perverso, que quer arruinar o sr. Wyler. . . Como o caso me pareceu complicado, propuz ao director que o entregue nas suas mãos e elle aceitou o meu conselho.

Jolly suava de angustia.

— É que quer o senhor que esclareça? Explique-se, retorquiu o criminalista fitando attentamente o seu interlocutor.

O empregado do sr. Wyler narrou em seguida tudo quanto succedera sem omitir o minimo detalhes.

O criminalista escutou-o com toda a attenção sem o interromper.

Terminada a narrativa, Sherlock Holmes consultou o relógio e disse pensativo:

— Póde voltar para casa do sr. Wyler. Não se inquiete com o caso, pois tomo conta d'elle; diga isto mesmo ao seu patrão.

Jolly esfregou as mãos cheio de contentamento e exclamou:

— Muito obrigado, senhor Holmes. . . Se quer utilizar-se do carro que me espera, está ás suas ordens.

Passado um quarto de hora apeiavam-se os tres á porta da casa do banqueiro, e alguns minutos depois, estavam no escriptorio do sr. Wyler que se conservava na mesma attitudo em que Jolly o havia deixado.

— Estou ao facto de tudo quanto occorreu, disse o criminalista ao banqueiro depois de o saudar. De-sejo que me mostre o telegramma que recebeu assim como o protocolo que lhe deu o sr. Jolly.

O director accedeu immediatamente aos desejos do criminalista que examinou com a mais escrupulosa attenção os dois documentos.

— Foi o senhor que redigiu este telegramma? exclamou o criminalista passado algum tempo, dirigindo-se ao sr. Jolly.

— Não, senhor, respondeu o interpellado.

— Dá-me que pensar este telegramma; as palavras são as mesmas no protocolo e no telegramma; os numeros é que divergem, murmurou Sherlock Holmes, voltando a examinar os papeis.

Arrancou uma pagina da carteira e disse ao director:

— Quem são os que tiram vantagem da noticia d'esta falsidade?

— São uns corretores de pequena importancia e pouco estimados, respondeu o director.

E consultando um livro de notas, acrescentou:

— Quer saber os seus nomes?

— Sim, senhor; desejo-o até muito, replicou o criminalista pegando no papel e no lapis.

— Tom Smith, que reside em Alfredstreet e Huokeberry, em Erin-place, disse o director.

Logo que escreveu estes nomes, Sherlock Holmes, dobrou o papel e guardou o, dizendo:

— Envidarei todos os esforços para pôr o caso a limpo; agora, retiro-me, se me dá licença, senhor Wyler.

Depois de ouvir os mais calorosos agradecimentos do director, Sherlock Holmes saiu do escriptorio com Harry Taxon.

Logo que chegaram á rua o criminalista trocou impressões com o seu companheiro.

— Que pensas de tudo isto, Harry?

O interpellado levou a mão ao queixo e respondeu após curta reflexão:

— Para fallar com toda a franqueza não sei o que hei de dizer; se esse tal Jolly não me parecesse bom homem é incapaz de enganar, diria ser elle o culpado.

— Ainda estás longe, Harry, respondeu o criminalista accendendo um cigarro, de saber discernir a bondade e a honradez verdadeira da falsa.

— Julga então que o sr. Jolly é o culpado? perguntou o mancebo.

— Não tenho sufficientes dados para o declarar, exclamou o criminalista; apenas te direi que não se póde julgar pelas apparencias. Para saber se este homem é innocente ou culpado, é necessario tempo para o estudar e conhecer e por enquanto ainda o não pude fazer, nem se me offereceu occasião para isso.

— O que tencionas fazer com respeito a este caso, mestre? perguntou o joven ajudante de Sherlock Holmes.

— Amanhã de manhã iremos á repartição Central dos Telegraphos para nos informarmos dos telegrammas recebidos.

Agora tratemos de descansar, do que bastante carecemos.

CAPITULO II

Na repartição central dos telegraphos

—Poderei fallar com o chefe d'esta repartição? perguntou Sherlock Holmes a um empregado entregando-lhe o seu cartão.

O empregado dirigiu-se a uma sala e voltando pouco depois, disse:

—Tenham a bondade de entrar.

E indicou aos dois policias que o seguissem por um largo corredor, tendo ao fim uma porta que em seguida abriu.

Achava se ali um funcionario de barba grisalha, alto, sentado a uma secretária cheia de papeis e cartas. Ergueu-se, dirigindo-se ao encontro dos dois policias.

—Que deseja, senhor Holmes? disse o chefe offerecendo cadeiras aos seus visitantes. Trata-se de algum assumpto onde se torne necessaria a sua intervenção?

—Assim é retorquiu, o criminalista.

—Procurarei satisfazer os seus desejos em tudo quanto estiver ao meu alcance, tornou o chefe.

—Ficar lhe-hei summamente agradecido, replicou Sherlock Holmes. Trata-se de saber se um telegramma que recebi de um dos meus amigos, foi passado conforme o remetteram da primeira estação. Desejava saber isto o mais exactamente possivel.

—Permitta-me, senhor Holmes, que lhe pergunte se tem em seu poder o telegramma d'aqui expedido, disse o chefe.

O criminalista puxou da carteira e entregou o telegramma ao chefe, dizendo:

—Aqui o tem.

—Desculpe-me por me ausentar durante um momento, pois desejo eu mesmo confrontal-o, disse o chefe.

E saiu por uma porta proxima.

—Nunca julguei que n'um tão alto funcionario encontraríamos tanta amabilidade e gentileza, disse Harry ao mestre logo que se acharam sós.

—Admiras-te, Harry? Pois todos os altos funcionarios tem maneiras finas e delicadas como este com quem estamos tratando.

—Os inferiores e mesmo alguns em excellente situação são totalmente insupportaveis; estão sempre de mau humor.

—Ha de tudo; uns são delicados outros grosseiros...

Meia hora depois appareceu novamente o chefe, tendo n'uma das mãos o telegramma que lhe entregara o criminalista e na outra dois papeis escriptos.

—Vou communicar-lhe o resultado das minhas investigações, exclamou o chefe. O original de Morse mostra-me que as palavras da estação transmissora são as mesmas que da receptadora, os numeros por em são diferentes em ambos.

«Assim me communicaram telegraphicamente de ambas as estações.

E mostrou ao criminalista os papeis que trouxera, enquanto accrescentava cofiando a barba:

—Este caso nunca aqui se deu.

—O que me obriga ainda mais a averiguar a causa, retrucou o policia.

E acto continuo despediu-se do chefe agradecendo-lhe os seus serviços.

—Apanhou o sr. Jolly em falsidade? perguntou o joven ajudante com grande interesse logo que chegaram á rua.

—Por ora não descobri coisa alguma contra elle, retorquiu o criminalista. O sr. Jolly enviou o telegramma de uma maneira e foi recebido d'outra.

E fez signal a um cocheiro para que approximasse o trem.

—Vamos para o hotel? perguntou Harry Taxon admirado.

—Não é possivel visto não termos o trabalho concluido, replicou o criminalista.

Sherlock Holmes deu ao cocheiro a direcção da casa de Tom Smith.

Não tardou que o trem parasse em frente de um predio velho e sujo de aspecto triste, com uma escada escura, estreita e mal construida.

—Certamente este homem não tem muito dinheiro, exclamou Harry enquanto subiam.

Quasi ao fim da escada, no ultimo andar, depararam com uma placa onde se lia: «Tom Smith».

O local era tão escuro que o celebre criminalista levou bastante tempo antes que encontrasse a campainha.

Por fim abriu-se a porta e appareceu uma mulher cujo trajero era pouco atrahente e cuidado.

—Posso fallar ao sr. Smith? perguntou Sherlock Holmes de chapau na mão.

—Não sei se... está... respondeu a mulher.

—Trata-se de assumptos concernentes a negocios tornou o criminalista.

A mulher deixou entrar os dois policias, dizendo-lhes que a seguissem.

Depois de percorrerem um corredor largo e escuro chegaram a um aposento pequeno e mal mobilado.

Meio deitado sobre um sophá, via-se um homem de idade, de ventre proeminente e rosto corado.

—Desejo muito travar conhecimento comsigo disse o criminalista após os cumprimentos de estylo.

O sr. Smith soergueu-se; passou a mão pelo cabelo afim de o compôr e disse depois de uma pequena pausa:

—A's suas ordens, senhor; quer tratar de algum negocio commigo?

—E' questão de dinheiro, replicou o criminalista fitando com insistencia o seu interlocutor. Preciso de um socio capitalista para me dedicar a umas operações que hão de dar um esplendido resultado.

Estas palavras fizeram assomar um amargo sorriso aos labios de Tom Smith.

Fingindo não dar por tal, o criminalista proseguiu fallando das suas especulações, até que Smith cansado de o ouvir o interrompeu.

—Mas, senhor, não sabe com quem está tratando; eu não trabalho por minha conta, mas sim por conta de outro, de um lord millionario, que guarda para si os melhores negocios e me deixa insignificantes interesses. Oxalá que eu tivesse capital para trabalhar por minha conta. Desgraçadamente ganho apenas o necessario para não morrer de fome e d'ahi não passo...

—E é um lord que assim procede?

—Não julgue porem que é um lord qualquer; se o senhor se demorar n'esta cidade, ha de conhecel-o tornou o sr. Smith; tem grande fama em todos os sports e é frequentador dos sitios onde se gosa vida alegre. Chama-se lord Worthfield; reside aqui perto em Alfred-Place, n'um rico palacio.

O criminalista tomou mentalmente nota d'aquella direcção e depois de ter dirigido algumas perguntas de pouca importancia para distarçar, despediu-se apresentando as suas desculpas.

Subiu para o trem que o esperava e dirigiu-se a casa de Huckleberry Finn.

Tambem este lhe disse que não trabalhava por sua conta, mas que negociava commissionado por alguém, cujo nome a principio occultou.

No decurso da conversa porem, levado muito deslramente por Sherlock Holmes, declarou que trabalhava por conta de lord Worthfield, e como era isto que o criminalista desejava saber, depressa se despediu do corretor, tomando novamente logar no trem.

—Parece-me que este lord Worthfield, exclamou Sherlock Holmes quando se installou no trem, é um grande expertalhão. E é por elle que devemos começar a colher informações. Veremos o resultado que obteremos seguindo esta pista.

—Não comprehendo o motivo que o leva a metter-se em negocios de bolsa, sendo millionario, retrucou Harry Taxon.

—A cubica é uma paixão que nunca se sacia, tor-

nou o criminalista. Talvez que n'este caso não entre só a cubica, haverá tambem outra causa.

Sherlock Holmes calou-se e conservou-se durante alguns momentos absorto nas suas reflexões.

—Parece-lhe, mestre, que foi o lord quem praticou a iniquidade de alterar o telegramma? perguntou Harry interrompendo o silencio do mestre.

—E' essa a minha opinião.

—E de que meios se serviria? perguntou o manco.

—Realmente essa pergunta parece de uma creanga, replicou o criminalista.

—Alterou o telegramma no caminho. Agora urge que descubramos como e onde se praticou a alteração.

—N'esse caso tarde trataremos de averiguar qual foi a causa que o levou a falsificar o telegramma? perguntou Harry.

—Um de nós vae tratar immediatamente d'esse assumpto, redarguiu o criminalista; far-se-ha uma viagem de exploração até ás minas de ouro e de diamantes.

—Encarregue-me d'essa viagem, exclamou Harry. Asseguro-lhe que serei como o cão perdigueiro atraz da presa; verá como fica satisfeito com as minhas obras.

O criminalista não respondeu; apenas sorriu perante o zelo do seu joven ajudante.

Passado um momento de reflexão, replicou:

—Não se póde tomar uma resolução d'estas assim rapidamente, Harry; mais tarde resolverei.

CAPITULO III

Um trem em perigo

Sherlock Holmes estava commodamente installado no quarto do hotel, aquecendo-se junto de um bom lume e de vez em quando olhava para Harry Taxon, que se achava a pequena distancia.

—Harry, exclamou o criminalista rompendo o silencio, determinei o que havemos de fazer. Trata dos preparativos para a viagem de que te fallei. Quanto a mim encontrei aqui uma pista que eu mesmo quero seguir, porque o caso é embrulhado e seria para lastimar que os passos que teem de se dar ficassem sem resultado.

—Diga-me, portanto, o que devo fazer; aceitarci com o maior prazer qualquer missão que me confie,

retorquiu Harry. Não hesite perante a ideia de que seja difícil ou perigosa. Bem sabe que quanto mais trabalhosas fôr, mais me entusiasma.

—Pois assegure-te que será bem difícil; para a desempenhares precisas de muito arrojo, muita coragem e muito sangue frio, replicou Sherlock Holmes. Mas tenho a certeza que has de desempenhá-la com todo o acerto.

Eu fico na cidade.

—E qual é a pista que se propõe seguir? perguntou com curiosidade Harry Taxon.

—Deixa isso commigo, tornou o criminalista. Concentra toda a tua attenção nas observações que te der e que tens de seguir á letra.

«D'hoje em diante has de enviar todas as cartas e os telegrammas para lord Guy Manderley. E' sob esse nome que me vou apresentar a lord Worthfield.

«Esse lord atrahê extremamente a minha attenção; não me convém perdê-lo de vista; portanto decidi alugar-me n'uma casa perto do seu palacio d'onde poderêi observá-lo constantemente.

E tirou da algibeira um cartão que entregou a Harry Taxon, dizendo-lhe:

—Esta minha resolução foi tomada hontem e mandei fazer estes cartões com o nome de lord Guy Manderley e com a direcção do meu novo domicilio.

«Fixa bem na memoria, Praça do Príncipe Alfredo, numero 3.

—E' defronte da residência de Wordthfield? perguntou Harry Taxon.

—Exactamente, respondeu Sherlock Holmes.

«O local foi bem escolhido e o contracto está feito.

—As suas resoluções são tomadas promptamente, tornou Harry Taxon.

Uma pancada na porta interrompeu o dialogo.

—Entrel disse Sherlock Holmes.

Abriu-se a porta dando passagem a um creado que depois de um respeitoso cumprimento, disse.

—Está prompta a carruagem.

—Bem, vou já, respondeu o criminalista e dirigindo-se a Harry acrescentou:

—Podes ir agora á Bolsa informar-te de alguns pormenores que te hão de ser necessarios, e depois fallar-me has antes de partires para as minas de ouro, porque desejo dar-te ainda algumas informações.

Emquanto Harry seguia para as minas de ouro, achava-se o criminalista hospedado em casa da senhora Liverpudding situada na praça do Príncipe Alfredo; acompanhava-o como creado o negro Sambo,

A dama em cuja casa se hospedara o criminalista, era viúva de um padre protestante e só tinha um filho.

Todos os dias a dama e o criminalista, que passava a seus olhos por lord, travavam animadas e interessantes conversas que a deixavam encantada com a intelligencia, a delicadeza e a elegancia do seu hospede.

—Sinto me muito feliz por ter em minha casa um cavalheiro tão distincto e amavel! E' um verdadeiro aristocrata, dizia sempre que se lhe offercia occasião.

Estas conversas do criminalista com a dona da casa tinham logar na sala do supposto lord junto de uma mesa que estava perto da janella.

Um dia a costumada palestra foi interrompida pela passagem de uma grande carroça, cheia de preciosos moveis.

—Para onde vão estes objectos? perguntou Sherlock Holmes.

—Para a igreja, respondeu a dama.

—Julguei que seriam para algum particular, disse intencionalmente Sherlock Holmes.

—Na cidade não se encontraria ninguem que pudesse compral-os a não ser lord Worthfield, replicou a viúva.

—E quem é esse lord?

—O dono do palacio fronteiro.

—Será muito rico?

—Isso só o poderiam dizer os seus montes de notas e de libras, tornou a viúva. Todavia essa grande riqueza não é d'elle, mas sim da esposa, embora todos julguem que é elle o dono de tudo. Também procura por todos os meios corroborar essa convicção.

—E quem é a esposa? perguntou o criminalista, occultando o interesse que tinha em proseguir n'aquelle assumpto para que se lhe apresentava occasião tão opportuna.

—E' uma senhora tão boa e amavel como é infeliz e doente, retorquiu a viúva com visivel tristeza. E' mesmo muito possivel, que não chegue á proxima primavera.

—De que soffre?

—Ninguém o sabe. Os medicos ainda não descobriram a causa da doença. Creio que soffre de uma tristeza incuravel.

«Comtado seja qual fôr a doença, o que é certo é que vae definhando de dia a dia.

—E' deveras triste! disse o criminalista em tom compungido. E que conjectura da doença o marido da desventurada senhora?

—O que ha de elle conjecturar? tornou a viúva n'um tom de censura. Comtando que elle possa entregar-se aos seus divertimentos e passar vida alegre em caçadas, excursões, viagens por mar, está perfeito-

tamente feliz; dá-lhe pouco cuidado a enfermidade da esposa.

—Como é muito rico procura destrahir-se do desgosto que lhe causa a esposa, retrucou o criminalista sorrindo.

—Sim, mas está gastando o que lhe não pertence; entrou já pelo capital quando nem sequer lhe compete administrar os bens da esposa, cargo que deve ser desempenhado por um irmão da senhora.

—Sendo assim, não gasta com certeza tanto como diz, pois supponho que o administrador ha-de oppôr-se terminantemente a que entre no capital.

—Não lhe hão-de faltar meios para chegar aos seus fins, retrucou a viuva. E' verdade que nem tudo quanto gasta vem do capital e dos rendimentos da esposa... A este respeito correm diferentes boatos...

—Quaes são?

—Toda e gente o sabe. Joga, especula, faz apostas; são esses os principaes meios que emprega para ganhar dinheiro.

A alegria do criminalista foi tão intensa ouvindo esta declaração, que foi preciso toda a sua força de vontade para a occultar.

—Já vê que eu tinha razão em não acreditar que entrasse pelo capital que não é d'elle? Mas, segundo lhe ouvi, senhora Liverpudding, parece que o lord, se diverte muitissimo, acrescentou tranquillamente o criminalista, portanto é de supôr que os negocios lhe produzam bons resultados.

—Excellentes! retorquiu a viuva. Tanto em casa, como fóra, leva uma vida de príncipe. Em se abrindo um jornal, seja em que dia fór, depara-se logo com a noticia sensacional de uma festa em sua casa, festas a que concorre tudo quanto ha de mais aristocratico.

—Dá festas com a esposa enferma? perguntou o criminalista attonito. Quem faz as honras da casa?

—Uma criada grave da senhora, chamada Angela Sorel. E' uma mulher de incomparavel formosura, mas orgulhosa e arrogante; dir-se-hia a verdadeira dona da casa.

O criminalista entregou-se por momentos ás suas reflexões, enquanto a viuva, avisada por um ruido, cuja proveniencia conhecia perfeitamente, corria á janella.

—Venha ver, lord Mandleroy, exclamou em seguida a mulher; depara-se lhe agora occasião para ver as senhoras de quem lhe acabei de fallar; descem a escada a esposa do lord e a creada grave Angela Sorel.

Em frente da porta do palacio achava-se uma magnifica carruagem, puxada por dois soberbos cavallos.

A uma pequena distancia estavam as duas senhoras, ambas formosas e elegantes, uma trajando vestido de seda preta, de rosto pallido e triste, a outra de

olhar vivo e arrogante, vestia uma toilette clara que lhe realçava a formosura.

Junto da carruagem, levemente inclinado, achava-se um trintanario que vendo as senhoras aproximarem-se, abriu a portinhola; a de rosto triste subiu com custo encostada á creada grave que subiu em seguida.

O cocheiro fugiu os cavallos e a carruagem poz-se em movimento.

Apenas se haviam afastado uns quinze metros, ouviu-se o ruido da buzina de um automovel que se acercava com a rapidez do raio.

Os cavallos foram de encontro ao automovel e espantados começaram aos saltos embora o cocheiro empregasse todos os esforços para os domar. As senhoras cheias de anciedade e de susto gritavam por soccorro.

Esta angustiada situação foi observada pelo criminalista e pela senhora Liverpudding.

A boa viuva chorava pensando no perigo que corria a pobre enferma.

—Desventurada senhora, exclamava, o que vai ser d'ellea?

Sherlock Holmes não ouvira estas palavras; sem perder um momento a contemplar o que se passava, pegou no chapéu e na bengala e desceu correndo a escada.

Um momento depois collocando-se com todo o arrojio em frente dos cavallos logrou detel-os.

Durante alguns minutos os animaes cansados e assustados conservaram-se tranquilllos.

Quando viu a carruagem parada, o criminalista dirigiu-se á portinhola e abriu a.

N um canto estava Angela Sorel, pallida como um cadaver, e no outro achava-se a esposa do lord, rigida e branca como uma estatua de marmore e sem fazer o minimo movimento.

—Tranquillizem-se, minhas senhoras, o perigo está passado, disse respeitosaente Sherlock Holmes; posso ser-lhes util em qualquer coisa?

Profundamente commovida a enferma estendeu-lhe a mão fina e branca e proferiu com doçura;

—Como poderei agradecer-lhe milord, por nos ter salvo a vida?

—Pouco fiz, minha senhora. O que se torna necessario é chamar um medico para a examinar; a commoção e o susto que soffreu devem ter produzido pessimo effeito no seu organismo já fraco. Carece de repouso e tranquillidade.

Angela Sorel fitava-o com espanto.

—Como hei de ter tranquillidade?retorquiu a infeliz senhora, se meu esposo, lord Worthfield, está ausente e não quer saber de mim...

—Nesse caso permita-me que lhe preste os cui-

daídos que lhe são necessários, respondeu o criminalista.

E inclinando-se, acrescentou.

—Sou lord Mandleroy.

A enferma agradeceu o offerecimento e convidou o criminalista a tomar logar na carruagem para se dirigirem ao palacio.

Passados alguns momentos apejava-se Sherlock Holmes e Angela Sorel ajudando ambos a lady a descer da carruagem.

Encostada aos braços de ambos, ponde subir com muito custo as escadas do seu luxuoso palacio.

Chegando ao primeiro andar, recusou os serviços da creada grave com certo desprezo, e seguiu encostada ao braço do criminalista; a creada atraz de ambos, olhava para o supposto lord, como se fosse um ser mysterioso, parecia lhe que estava sonhando.

Entretanto encaminhavam-se para os aposentos da enferma passando por salas sumptuosamente mobiladas, aquecidas por caloríferos e offerendo o conforto que só póde dar uma grande fortuna.

Por fim, entraram n'uma grande sala, com as paredes cobertas de seda azul, onde se viam fôfos e commodos sophás, mesas de precioso marmore e profusamente illuminada.

A um dos cantos havia uma porta secreta que dava para um corredor que ia ter á alcova da lady.

A cama era preciosa como correspondia á magnificencia do palacio,

O supposto lord fez sentar a enferma e recomendou ás creadas, que se tinham immediatamente apresentado, os maiores cuidados com a senhora.

Em seguida saiu do quarto e dirigiu-se á vasta sala que o precedia.

Examinou attentamente todos os objectos que ahi se encontravam e resolveu sair do palacio onde a sua missão estava concluida.

Ja retirar-se quando ouviu as vozes de duas pesaas que se approximavam.

Uma dizia.

—Não tem nada de cuidado, não passou do susto que, naturalmente, devido ao seu estado, lhe produziu uma forte commoção.

Póde dizer isto mesmo ao lord.

—Fal-o-hei immediatamente, disse a outra voz.

—E' melhor não me retirar, disse de si para si o criminalista. Póde ser que a lady precise dos meus serviços.

Que bella occasião se me deparou para entrar na casa que tanto desejava visitar!

Examinou os aposentos e as salas visinhas da alcova da lady; estavam adornados com grande numero de estatuas de marmore representando genios e deuses.

Apesar de se ver rodeado de tantos objectos pro-

prios para lhe attrahirem a attenção, o criminalista só tinha um pensamento. Angela Sorel, a creada grave da esposa do lord.

Haviam-no impressionado mais profundamente a sua altivez e arrogancia, os seus olhos vivos e penetrantes do que a formosura indiscutivel e soberana que possuia.

Sobre uma mesa encontrou varios livros, albuns e photographias que examinou sem que lhe prendessem a attenção. Em seguida folheou alguns livros; um d'elles tinha por titulo: «Theologia».

Fechou-o e pegou n'outro, intitulava-se: «O espiritismo e seus adeptos».

—Estará aqui algum aprendendo estas doutrinas... murmurou o criminalista pausadamente como se elle proprio estivesse tomando nota das suas palavras.

Collocou-o sobre a mesa e passou a folhear outro; tratava igualmente de espiritismo; outro tanto succedia ao terceiro que tratava de suggestão.

—Occupemos o tempo em alguma coisa, exclamou o policia.

E acercando-se da mesa, começou a ler o ultimo livro em que pegara.

Não se tinham passado cinco minutos desde que estava entretido com a leitura, quando lhe acudiu com tal interesse o pensamento de Angela Sorel, que nem ouviu o leve ruido que fez a porta abrindo-se.

Só depois da pessoa que entrara na sala ter dado alguns passos, é que a ouviu e voltou a cabeça.

—Senhora Sorel! disse o criminalista deveras attonito, enquanto se erguia e ia ao encontro da creada grave. Acha-se melhor? Precisa tambem de muito descanso.

A bonita mulher olhou para elle de um modo vago e incomprehensivel, ao mesmo tempo que respondia:

—Pareceu-me que me haviam chamado.

Aquelle expressão do olhar e aquellas palavras impressionaram o criminalista. Sem duvida alguma aquella mulher não tinha perfeita consciencia de si mesma n'aquelle momento.

E após uma breve pausa, durante a qual Sherlock Holmes viu que lhe tremiam as mãos acrescentou:

—Esqueci-me de dizer a lord Worthfield o que succedeu.

Sherlock Holmes, que contemplava com verdadeiro assombro aquella scena, retorquiu com a maior naturalidade, disfarçando o seu espanto:

—Segundo ouvi, o mordomo já avisou o lord; creio que não tardará.

O criminalista pensou por instantes que se encontrava tambem sob a influencia do magnetismo que suggestionava aquella mulher, afastou porem logo do pensamento aquellas ideias afim de lhes evitar a malefica influencia.

Entretanto Angela Sorel sentara-se n'um sofá per-

to do criminalista; tremia e estava pallida como uma defuncta; contudo pouco a pouco voltou ao seu estado normal.

—Como se encontra lady Worthfield? perguntou então o criminalista, occultando a sua perturbação.

—Muito lhe agradeço, lord Mandleroy, o seu cuidado, retorquiu Angela Sorel. A senhora está melhor. Sentê-se ainda muito nervosa, mas isso não offerece perigo.

«Tambem eu me acho fatigada; se me dá licença vou descansar.

«Mas agora me lembro que tenho que receber o lord, tornou Angela Sorel, após curta pausa.

—Se me permite, recebal-o-hei em seu logar e dir-lhe-hei o motivo que a impediu de o esperar, disse o criminalista.

A creada grave aceitou agradecida o offerecimento do supposto lord e depois de lhe fazer um cumprimento, retirou-se do sumptuoso salão com a arrogancia e a attitude de uma princesa.

O criminalista esteve uma hora só entretido com a leitura do livro que tinha nas mãos quando Angela Sorel se apresentara.

Passado esse tempo aproximou-se d'elle um creado que lhe perguntou em nome da lady se necessitava de alguma coisa.

Sherlock Holmes agradeceu a attenção que lhe dispensavam e de novo ficou só.

Voltou a perseguil-o com insistencia o pensamento de Angela Sorel.

—A' primeira vista é arrogante e intratavel... disse comsigo o criminalista; mas no intimo é outra. Parece ativa e imperiosa como uma rainha e ia asseverar que é simples e modesta... dir-se-hia uma senhora de sociedade e creio que não a attrahem muito as suas pompas e vaidades... O seu corpo vive aqui mas a alma vóa por outras regiões... Quasi que me atrevera a affirmar, accrescentou o celebre criminalista após uma curta pausa, que está sujeita a uma vontade alheia.

Foi interrompido nas suas reflexões pelo ruido de uma carruagem que parava á porta do palacio.

Ouviu depois uns passos leves e o ruido de portas abrindo-se e fechando-se rapidamente.

—E' o lord, murmurou o criminalista.

Não tardou a apparecer á porta do salão onde se achava Sherlock Holmes, um cavalheiro alto, elegante, de barba loura e olhar vivo e penetrante.

O criminalista foi ao seu encontro e disse fazendo elle proprio a sua apresentação.

—Lord Mandleroy.

O recém-chegado fez uma leve cortezia e disse n'um tom de desdem que não escapou ao criminalista.

—E' então o nobre salvador de minha esposa?

—Fiz quanto me foi possivel para esse fim, lord, retorquiu Sherlock Holmes com altivez.

—E conseguiu-o, senhor, a sua coragem e abnegação dão-lhe direito a todos os meus agradecimentos; estou-lhe infinitamente reconhecido por ter salvo a vida de minha mulher e da sua creada grave, repliou o lord muito afavelmente.

Conhecera que o seu desdem ferira vivamente lord Mandleroy e queria destruir a desagradavel impressão que lhe causara.

Sherlock Holmes ia despedir-se, quando o lord o deteve dizendo-lhe:

—Queria dever-lhe a fineza de honrar a minha casa com a sua presença esta noite... Se não fôsse as visitas que recebo pareceria um ermitão encerrado em um palacio; e creia-me, lord, não tenho vocação alguma para esse genero de vida.

«Gosto de me divertir, tanto mais que minha mulher nada tem de immediato perigo.

O criminalista não respondeu, e resolveu ficar, visto que se lhe deparava uma excellente occasião para travar conhecimento com o lord que lhe merecia tantas suspeitas.

Havia alguns minutos que se conservavam em silencio, quando entrou na sala um creado com uma salva com charutos.

—D'aqui a um quarto de hora serve-se o jantar.

O lord e o criminalista travaram então uma conversa banal, de que contudo Sherlock Holmes procurou tirar algum proveito para as suas averiguações.

—Interessa-se por assumptos de theologia? perguntou o criminalista.

—Não, senhor, retorquiu o lord sorrindo.

—Supponho que me dirige essa pergunta por ter encontrado sobre a mesa um livro de theologia?

«E' minha esposa que gosta de se entreter com esses assumptos... Eu prefiro tudo quanto se refere ao espiritismo.

—E com respeito a suggestão? perguntou de novo o criminalista.

O lord não respondeu logo á pergunta, arrependido de ter fallado de mais.

—Já fez alguma experiencia? perguntou de novo o criminalista.

O lord hesitou alguns momentos se devia responder ou não, e por fim, disse!

—De vez em quando dou algumas sessões insignificantes em que mostro as minhas habilidades.

«E para lhe dizer a verdade, creio que tenho colhido bons resultados.

—Tem-se exercitado então n'esses assumptos?

—Conheço que o lord não é partidario do espiritismo, disse lord Worthfield, depois de ter tirado algumas baforadas do charuto. Não reconhece a exis-

tencia de seres mysteriosos que se encontram em volta de nós e accodem ao nosso chamamento?

—Nem affirmo, nem nego coisa alguma; replicou o criminalista. Apenas direi que é uma coisa bastante mysteriosa, a intervenção de seres, completamente separados de nós, em actos da nossa vida que nada teem de importante.

—Pois ha provas palpaveis, irrefutaveis, exclamou o lord; digo-o e sei-o por experiencia.

—Provas palpaveis! repetiu o criminalista sorrindo maliciosamente.

«O que ha a maior parte das vezes são phantasmas de carne e osso.

—E' mais incredulo do que o proprio S. Thomaz! Pois bem; eu mesmo lhe apresentarei as provas que o hão convencer por completo; fal-o-hei confessar que as forças sobrenaturaes accodem em auxilio dos homens, quando as chamam; ha de ver que entes mesmo de-beis adquirem então uma força grande e indiscutivel.

—E verei isso hoje ou amanhã? disse o criminalista olhando fixamente para o lord.

«Tem por acaso algum *medium*?

—Milord, disse n'este momento um creado apresentando-se á porta do salão, o jantar está na mesa.

—Tenha a bondade de me acompanhar, disse o lord ao criminalista.

A presença do creado interrompera a conversa.

Passaram á sala de jantar onde estava a mesa posta para quatro pessoas; mas nem a esposa do lord nem Angela Sorel compareceram, mandando apresentar as suas desculpas.

O jantar foi delicioso, o vinho superior e a baixa preciosa.

Estiveram á mesa até ás onze horas.

—Emquanto preparam o café, poderá ver o meu museu, disse o lord a Sherlock Holmes. Terei occasião de lhe mostrar a minha preciosa colleção de armas antigas; algumas são consideradas como os unicos exemplares que existem no mundo; tenho a certeza que nunca viu melhor.

—Aceito com prazer o seu convite, retorquiu o criminalista, pois sou muito amador de armas antigas.

Sairam da sala de jantar e dirigiram-se para o museu.

Este tinha diferentes portas; uma grande e duas pequenas aos lados.

As paredes estavam cobertas de armas de todas as proveniencias e de todos os seculos; viam-se escon-dros romanos e gregos, machados normandos, adagas sarracenas, couraças hespanholas alfanges, mussulmanos, punhaes venezianos, etc., etc.

—Emquanto o criminalista admirava como verdadeiro conhecedor a formosa colleção, o dono mencionava os objectes que se lhe apresentavam á vista e os paizes a que pertenciam.

Em ultimo lugar estavam as settas.

—Vê estas settas? disse o lord designando tres que ali se encontravam; são os que usam hoje os selvagens. Teem tanta força quando saem do arco que trespassam aquelle que alvejam mesmo a grande distancia.

«Não é só pela força com que são atiradas que matam, mas tambem pelo veneno que teem nas pontas; os cafores são muito intelligentes.

Pouco depois o creado annuciou que estava prompto o café e dirigiram-se de novo para a sala de jantar onde tomaram logar á mesa.

A conversa versou sobre a colleção de armas que acabavam de admirar; o criminalista porem convinha-lhe outro assumpto.

—Ha muito tempo que sua esposa está doente? perguntou quando julgou opportuno fallar de outra coisa.

—Ha bastantes annos replicou o lord, sem mostrar a minima tristeza.

—E' pena realmente, tornou o criminalista; tem contudo uma boa enfermeira, a menina Angela Sorel parece-me uma excellente pessoa.

—Assim é, respondeu seccamente o lord.

Sherlock Holmes ia responder, mas deteve-se ouvindo passos no corredor que se approximavam.

Um momento depois, sem se annunciar, appareceu á entrada da sala de jantar uma mulher vestida de branco, pallida como uma defunta, de olhar vago.

—Parece que alguém me chamou, disse com uma voz cavernosa.

Era Angela.

A attitude era a mesma com que se apresentára horas antes ao criminalista, os movimentos das mãos e dos olhos eram identicos.

Lord Worthfield e Sherlock Holmes quedaram-se sem dizer palavra; o criminalista profundamente attonito e o lord olerico e furioso como se via pela expressão do olhar.

Era tão grande a ira que o dominava que nem podia fallar; só passados alguns instantes, conseguiu murmurar:

—Volta... immediatamente para o... teu quarto.

A sonambula voltou-se acto continuo e sorrindo afastou-se lentamente.

CAPITULO IV

Uma morte misteriosa

Era já muito tarde, quando o criminalista se retirou do palacio.

—Espero, lord Mandleroy, que continuará a honrar-me com as suas visitas, disse o lord ao criminalista quando se separaram.

E entregou-lhe um cartão.

Sherlock Holmes respondeu que repetiria a visita logo que pudesse, intimamente satisfeito.

Entrara por acaso n'aquelle palacio e logo na primeira visita ganhara de tal modo a confiança do lord, que desejava observar e vigiar, que este lhe pedia para repetir as visitas.

Não podia caminhar melhor a missão que se impuzera.

Depressa chegaria ao resultado que alvejara.

Chegando á casa onde estava hospedado, accendeu a luz, sentou-se á mesa que se achava junto da janella e deu começo á leitura da correspondencia remetida por Harry Taxon, combinando ao mesmo tempo novos planos.

Estava mergulhado nas suas reflexões quando o distrahiram uns gritos afflictivos.

Ergueu-se procurando discernir de que lado gritavam, abriu a janella e observou o parque do lord de quem se despedira ainda não havia duas horas, pois pareceu-lhe que era d'ali que vinha o ruido.

Como o luar estava claro e brilhante viu mover-se uma figura, provavelmente a mesma que dava os gritos.

Pouco depois appareciam illuminadas quasi todas as janellas de um dos lados do primeiro andar.

Não offerecia duvidas, acabava de succeder qualquer coisa no palacio do lord.

Vestiu o sobretudo de viagem e encaminhou-se sem demora para o predio fronteiro.

—O que succederia? perguntava o criminalista a si mesmo. Não tardará que o saiba.

Quando atravessava a praça, abriu-se a porta do jardim e saiu o velho creado James que se vestira á pressa e nem sequer levava chapéu. O rosto do velho estava transtornado.

—Que succedeu, James? perguntou Sherlock Holmes.

O interpellado respondeu com a voz tremula sem poder conter as lagrimas!

—A nossa patrão... nem sei como lhe hei de dizer.

—Que foi que lhe succedeu, falle, tornou o criminalista com aniedade.

—Está morta... foi assassinada... cobardemente assassinada, disse James.

Sem esperar mais explicação o criminalista subiu a escada a quatro e quatro chegando ao primeiro andar n'um momento.

De uma porta entreaberta do corredor via-se luz e ouviam-se diferentes vozes.

Entrou ali sem attrahir a attenção e pouco depois mettu-se entre os creados sem que ninguem tivesse notado a sua presença.

—Lord Mandleroy, disse o primeiro que o avisou.

«Veja o que fizeram á nossa boa e querida senhora.

—Era tão boa e tão santa! accrescentou uma creada soluçando com desespero.

O corpo de Daisy Worthfield, coberto por uma preciosa camisa de dormir de seda azul com magnificas rendas, jazia inerte sobre o leito.

A mão direita pendia-lhe ao longo do corpo e a esquerda estava sobre o coração, via-se correr o sangue por entre os dedos cor de cêra.

O criminalista lançou o olhar pelos creados que o cercavam e perguntou!

—Onde está o lord?

—Saiu pouco depois de o acompanhar á porta, retorquiu James.

—Saiu? E para onde se dirigiu?

—Foi para as suas propriedades de Dower.

«Disse que devia lá estar ás oito horas da manhã.

O criminalista conservou-se algum momento entregue a profundas reflexões.

—Quem foi a primeira pessoa que viu a Lady morta? perguntou por fim Sherlock Holmes.

—Foi James, e eu fui o segundo, lord, replicou um dos creados. Quando vimos a pobre senhora inanimada e coberta de sangue, fugimos para o parque, subimos para um banco de pedra e começamos a chamar-o.

—A mim? perguntou o criminalista.

—Sim, como vimos a sua sombra que se destacava na janella, resolvemos chamá-lo...

—Prosiga, pois me interessa bastante o que me diz.

—Declarei-lhe já o que James e eu fizemos quando descobrimos que a senhora estava morta.

«Mas esquecia-me dizer-lhe como a encontramos.

—E isso é o principal, tornou o criminalista.

—James quando passou pelo corredor, ouviu vozes no quarto da senhora; primeiro pensou que seria algum ataque que tivesse dado á senhora como muitas vezes succedera e que se achasse no quarto a creada grave.

«Como continuasse a ouvir gritar com a voz cada vez mais fraca e ao mesmo tempo afflicta, parou indeciso e por fim resolveu entrar.

«N'aquelle mesmo momento, como eu tambem ouvi gritos, approximei-me da porta do quarto da senhora e entrei com o meu companheiro.

«A impressão que então sentimos nem se pôde descrever, foi atterradora.

«Deparámos com a nossa boa ama banhada em sangue.

Sherlock Holmes permaneceu algum tempo de olhos baixos, entregue aos seus pensamentos. Por fim foi distraído das suas reflexões pelo ruido de vozes e de passos que se approximavam; pouco depois abriu-se a porta e entrou no quarto o velho creado James acompanhado de um inspector da policia.

O funcionario cumprimentou todos que se achavam presentes e deu-se pressa em examinar o cadaver e o quarto.

Terminado o exame disse aos creados:

—Tenham a bondade de se retirar; se precisar de alguém, chamarei.

«Este senhor pode ficar, acrescentou dirigindo-se a Sherlock Holmes.

Os creados retiraram-se e por fim ficaram só o criminalista e o inspector.

—Sou o inspector Smith, disse este apresentando-se. O seu nome soube-o pelo creado James. E' amigo da familia?

—Não posso ainda considerar-me como tal, replicou o criminalista.

—Permitte-me que lhe dirija algumas perguntas? Tornou o inspector. Antes de tudo, desejava saber por que se encontra n'esta casa a esta hora da noite?

—Foram as circunstancias que aqui me trouxeram, respondeu Sherlock Holmes. Mas, primeiro do que nada, quero dizer-lhe que está enganado, se julga saber o meu nome.

—O creado James, . . . retorquiu o inspector.

—O creado não sabe coisa alguma, interrompeu o criminalista.

E puxando da carteira, tirou d'ella um cartão, ao mesmo tempo que dizia:

—Actualmente encontro-me no campo da batalha e occulto-me sob um incognito. Lord Manderley é o meu unico nome de guerra, o verdadeiro tenha a bondade de o ler.

E entregou o cartão ao inspector.

Este leu com o maior assombro e profundo respeito:

«Sherlock Holmes.»

O inspector estendeu a mão ao criminalista e disse-lhe deveras satisfeito:

—O celebre criminalista! Que honra para mim po-

der apertar a mão de um collega tão distincto! Ajudar-me-ha a esclarecer este caso?

—Porque não? redarguiu Sherlock Holmes. Tanto mais que as circunstancias em que se perpetrou este assassinio, excitam-me immensamente a attenção.

—Será para mim uma subida honra trabalhar a seu lado, senhor Holmes, disse Smith.

O inspector approximou-se de uma mesa onde se viam innumeradas joias de grande valor e disse olhando para o criminalista.

—Parece-me que não se pôde admitir que este crime tivesse por mobil o roubo? Seria devido apenas ao desejo de matar?

Sem responder, o criminalista acerrou-se do leito da victima; pensava se deveria communicar ao inspector as suas impressões sobre o caso; mas resolveu guardal-as para si.

—Depressa investigaremos as causas a que o criminoso obedeceu, respondeu após uma longa pausa.

Ouviu-se o rodar de um trem e pouco depois parava á porta do palacio.

—Ahi vem o medico para examinar o cadaver, disse o inspector consultando o relógio.

Depois de cumprimentar o criminalista, o recém-chegado deu começo ao exame do cadaver.

A ferida do peito era redonda e pequena e deitava ainda algum sangue.

O medico com o auxilio dos seus instrumentos cirurgicos examinou a profundidade e as bordas da ferida, afim de descobrir a qualidade da arma com que fôra produzida.

Reconheceu por fim que tinha sido feita com um instrumento perfurante.

—Trata-se de uma arma branca; a lamina trespassou-lhn os pulmões a um millimetro de distancia do coração, murmurou o medico. Morreu quasi repentinamente devido ao estado de fraqueza em que já se encontrava.

Terminado o exame medico, o inspector tocou a campainha, e pouco depois James entrou no quarto.

—Que desejam os senhores? perguntou o creado.

—Onde se encontra o dono da casa? perguntou por sua vez Smith olhando fixamente para James.

Sherlock Holmes passava pelo quarto, de mãos atraz das costas, n'uma attitude pensativa.

—Avisaram-n'o do que succedeu?

—Não, senhor. Não sabemos para onde nos havemos de dirigir. O lord ausenta-se muitas vezes de casa e embora se demore dias e semanas, nunca deixa a direcção.

«Creio que é apaixonado pela caça; se o avisassemos das cartas e das pessoas que o procuram, ver-se-hia obrigado a abandonar a sua diversão favorita.

«Vem aqui de tempos a tempos tomar conhecimento da correspondencia, e retira-se de novo.

—Está indisposto com a familia? perguntou o inspector.

—Que eu saiba, não, replicou o velho creado.

—Todos os creados vieram ver a lady?

—Todos, menos a senhora Sorel, a amiga da nossa ama.

O inspector quedou-se pensativo por um momento e disse, por fim.

—Quem é e onde está essa senhora?

—Está no seu quarto; precisa de repouso porque se acha doente.

—Foi a unica pessoa que não ouviu os gritos da lady? perguntou o inspector.

O creado fitou-o admirado e retorquiu:

—Assim parece.

—Faça favor de a acordar e dizer-lhe para vir aqui, disse o inspector.

—Vou immediatamente, respondeu o creado que se afastou.

—Para apreciar bem a senhora que mandou chamar, tem que se lhe prestar toda a attenção, tenho visto poucas assim, disse o criminalista.

—E' extraordinario este caso que aqui se deu, exclamou o inspector. A dona do palacio assassinada, o marido ausente, sem saber o que occorreu, todos os creados em sobresalto e a creada grave, a companheira da senhora, dormindo o sono dos justos.

—Realmente, é um caso raro, retorquiu o criminalista.

Entretanto o medico guardara os seus instrumentos e afastava-se.

Pouco depois surgiu no limiar da porta uma mulher loura, de rosto pallido mas muito formoso... era Angela Sorel.

O criminalista e o inspector ficaram mudos de asombro vendo o aspecto da mulher.

Approximou-se rapidamente do leito da morta e apenas a viu, gritou com profundo desespero!

—Daisy, minha querida Daisy! Quem foi que te matou?

Pegou-lhe nas mãos cheias de sangue, cobriu-as de beijos ternos e apaixonados e deixou-se cair no chão gritando inconsolavel!

—Morta! Assassinada!

E quasi sem sentidos, repetiu:

—Morta! Assassinada!

Conservou-se perfeitamente immovel, sem proferir qualquer outra palavra.

CAPITULO V

Uma descoberta singular

O criminalista e o inspector deitaram-n'a sobre o sophá e mandaram o creado chamar o medico que pouco antes saira do quarto.

Encontraram-no ainda no palacio e pediram-lhe para ir ver a creada grave da lady que se encontrava desmaiada.

O medico voltou apressadamente á alcova da defunta e tratou de fazer voltar a si Angela Sorel. O inspector retirou-se.

—Parece-me que não seria conveniente que quando a senhora Sorel voltasse a si, disse o criminalista, tornasse a ver o cadaver que lhe produziu o desmaio.

—Tem razão, retorquiu o medico, levemol-a para um outro aposento; não tardará que recupere os sentidos.

O medico e o criminalista transportaram-na com todo o cuidado para um outro quarto onde se achava já uma creada preparando o leito.

Deitaram-na, cobriram-na com a roupa e permaneceram silenciosos junto do leito.

—Emquanto não voltar a si será melhor que nos afastemos; precisa de descanso.

Pouco depois, Angela Sorel movia a cabeça e recuperava os sentidos.

De subito, deu um grito de terror:

—Sangue! exclamou afastando de si um objecto de vestuario.

Os dois homens que se dispunham a sair do quarto, retrocederam.

Sherlock Holmes inclinou-se e examinou o objecto que tanto horror causara á creada grave; era uma *matinée* branca onde se viam manchas de sangue fresco.

—E' a *matinée* da senhora Sorel, disse a creada acerando-se.

—E a quem pertence este quarto? perguntou o criminalista.

—A' mesma senhora, retorquiu a creada.

Instinctivamente o criminalista dirigiu o olhar para Angela Sorel; o medico abanou nervosamente a cabeça e disse á creada:

—Não saia do quarto e mande alguém chamar o medico da casa para a tratar.

Em seguida, fez signal a Sherlock Holmes para o seguir e retiraram-se do quarto.

Emquanto desciam a escada o medico disse ao seu companheiro:

— Parece-me que o mysterio que envolvia este crime está desvendado.

— E em que baseia a sua asserção?

— E' deveras simples. Torna-se evidente que quem commetteu o assassinio foi aquella formosa loura.

— E qual julga ter sido o mobil do crime.

— O ciúme, senhor, o ciúme redarguiu o medico. Lord Worthfield embora seja um perfeito demonio, não deixa por isso de ser um bello homem. Vê-se claramente que esta mulher temia que a esposa recuperasse o seu antigo ascendente e foi o que a decidiu a dar este passo.

E quando se achavam já na rua, acrescentou:

— Não viu as nodos de sangue na *matinée* d'aquella senhora? Não pode haver signal mais evidente para corroborar a minha asserção.

O medico despediu-se do criminalista e subiu para o trem que o esperava á porta.

Sherlock Holmes dirigiu-se pensativo para a pensão. Entrou no seu quarto e deitou-se.

Os pensamentos diversos que lhe tumultuavam no cerebro, não o deixaram conciliar o somno.

— E' possível, dizia consigo mesmo, que a formosa e elegante Angela Sorel seja uma criminosa? Que tivesse a crueldade de assassinar a bondosa lady?

Mas as provas do crime eram tão concludentes que não se podiam pôr em duvida.

— Todavia qual foi a causa que a levou a commetter esse crime? murmurava. O ciúme? O amor? Será possível que uma senhora que parece possuir tão boas qualidades ame um monstro como deve ser este lord?

E acudiu-lhe de subito uma ideia que não lhe foi possível afugentar mais do espirito.

— Tel-a-ha suggestionado aquelle homem? Mandal-a-hia realisar em estado hypnotico o crime e ella desprovida de vontade propria, tel-o-hia perpetrado? «Era incapaz de commetter um crime tão hediondo por sua propria vontade.

«O criminoso é elle.

«Mas qual foi o mobil que o levou a matar a esposa?

E acudiam-lhe ao espirito as palavras que ouvira n'aquella mesma tarde.

— O lord não tem direito a gastar o dote de sua mulher, só terá o que ella lhe deixar quando morrer.

«Esse lord é o verdadeiro criminoso e o assassino de sua mulher! exclamou furioso o criminalista. Angela Sorel não foi mais do que o inconsciente instrumento do assassino! A infeliz foi suggestionada!

«Quero sondar o terreno; quero julgar com verdadeiro conhecimento de causa.

Vestiu-se de novo e olhou para o relógio.

Eram quatro horas da manhã.

Desceu a escada rapidamente e dirigiu-se para o palacio.

A casa do crime estava envolta em densas e profundas trevas que pareciam acompanhar na dor aquelles que estimavam a desgraçada victima da crueldade do marido.

Todas as janellas do palacio estavam fechadas, não se via luz em parte alguma nem se ouvia o minimo ruido.

Chegando junto da porta, Sherlock Holmes pegou na sua gazua e com ella abriu a porta que deixou cerrada.

Entrou em seguida no palacio, abrindo do mesmo modo todas as portas que lhe embargavam o caminho, até chegar ao espaçoso musen do lord, e deixando-as abertas.

Tirou então da algebeira a lanterna electrica e examinou micudiosamente as armas que compunham a preciosa colleção do lord. Por fim chegou ao local onde se encontravam as settas a que o lord se referira com tão grande enthusiasmo.

— Foi esta a arma empregada para o assassinio, murmurou o criminalista, ao mesmo tempo que collocava a lanterna sobre uma mesa.

Pegou em seguida na setta que lhe atrahira a attenção e examinou-a attentamente.

A ponta estava ainda tinta de sangue.

Quedou-se pensativo durante alguns momentos, conservando nas mãos a arma homicida.

De subito ouviu passos que se acercavam lentamente.

O criminalista tornou a pôr a setta no seu lugar, e antes de apagar a luz, dirigiu-se para um esconderijo d'onde podia observar facilmente, sem ser visto, quem ali entrasse.

Ainda não havia um minuto que estava ás escuras, quando se abriu uma das portas e entrou algum levando luz.

A pessoa que entrara conservava os olhos cerrados; tinha na mão um castiçal de prata com uma véla acesa; estava vestida de branco e o cabello profuso e louro solto pelas costas formava um verdadeiro manto de ouro... era a sonambula Angela Sorel.

Com o corpo todo tremulo aproximou-se das settas, abriu os olhos, sorriu e começou a cantar com muita tristeza.

Quando acabou, acercou-se das settas, ergueu o braço direito de uma alvura resplandecente e apoderou-se do arco e da setta que o criminalista examinara pouco antes.

A véla deixava cair os pingos sobre a alcatifa como lagrimas brancas symbolo de tristeza e a sonambula dirigiu-se para a porta muito vagarosamente.

O criminalista deu-se pressa a sair do seu esconderijo para a seguir.

Com os olhos fechados, mas sem a minima hesitação, tomou o caminho do quarto onde jazia morta lady Worthfield.

Chegando ahi, abriu a porta sem fazer ruido algum e entrou.

O criminalista seguiu-lhe cuidadosamente os passos e occultou-se por detraz de um biombo japonex que estava a um canto do quarto.

Angela achava-se no meio do aposento com o castiçal na mão e a cabeça inclinada. Tinha o rosto coberto pelo cabello louro e lindo e depois de se conservar um momento parada, aproximou-se do leito da defunta com passos vagarosos e immersa na mais profunda tristeza.

—O teu sangue, Daisy, é vermelho como o odio... como o odio!... murmurou.

Deixou cair o arco e a setta.

Soltou um doloroso suspiro, collocou a mão sobre a ferida da morta e accrescentou.

—Como o teu sangue queima, Daisy! oh, sim, queima-me...

Ouviu-se ruido no corredor e logo depois abriu-se a porta.

Era o lord, em traje de caçador, tinha a fronte coberta de suor.

Fechou a porta, deu duas voltas á chave, e approximou-se pressuroso de Angela Sorel; mas logo olhou desasocegado para todos os lados com a consciencia pouco tranquilla até que fitou o rosto cadaverico da desventurada lady.

Angela dirigira-se para o lavatorio e lavou as mãos.

—Que fazes, Angela? perguntou o lord.

—Como este sangue me queima os dedos! respondeu a sonambula com a voz tremula.

E escondeu o rosto nas mãos suspirando.

Estava pallida como a propria defunta e nos olhos via-se-lhe um brilho estranho.

O lord afastou-lhe as mãos do rosto e emquanto as acariciava entre as suas, disse!

—Olha para mim... Já não sentes tristeza nem angustia... tudo passou.

E largou-a.

Suspirou novamente a sonambula e aproximou-se outra vez da cama da assassina.

—Porque estás sempre a dormir, Daisy? disse-lhe com ternura e inclinando-se sobre o corpo. Falla-me... estás zangada commigo?

O lord ergueu-se promptamente, tomou-a nos braços e levou a para um sophá sem proferir uma só palavra.

Depois de um prolongado silencio, acercou-se de Angela e disse:

—Não dorme.... está morta... foste tu que a mataste.

—Sim, sim, murmurou a sonambula. Daisy não olha para mim... tem o olhar parado... o semblante mudo... faz-me pena... o seu sangue está quente... queima-me...

O lord tornou a abraçá-la e disse-lhe apaixonadamente:

—Amas-me?

—Sim, replicou Angela sorrindo.

—Mataste-a por ciume?

—Sim, por ciume...

—Querias ser tu... a senhora... no lugar de...

Daisy?

—Senhora .. no lugar de Daisy, repetiu Angela como um ecco.

—E's assassina e minha amante?

—Assassina... e minha amante...

Soltou-se-lhe dos braços; o lord tinha o rosto inundado de suor, enxugou-o com um lenço de seda e deitou-se para cima do sophá, pois achava-se excessivamente fatigado.

—Agora, vae dormir, disse o lord.

E Angela deslizou suavemente pelo quarto, deixando a camara mortuaria em profundo silencio, apenas interrompido pela respiração do lord...

Quando meia hora mais tarde, o criminalista saiu do palacio, depois de verificadas as suas observações, estava o lord no sophá, profundamente adormecido, pouco distante do cadaver da esposa.

CAPITULO VI

O ruido de uma detonação

Lord Worthfield estava sentado de manhã á mesa da sala de jantar e mandou chamar James á sua presença.

—Quero fazer-lhe uma pergunta importante, disse-lhe o lord. Quando cheguei esta manhã por causa da triste occorrença que aqui se deu, encontrei todas as portas abertas. Que quer isto dizer?

—Ignoro-o, milord; posso assegurar-lhe que depois de sairem todos que aqui vieram devido á grande desgraça que se deu, fechei como sempre todas as portas.

Ainda o creado estava dando as suas desculpas, quando se ouviu passos na escada principal.

James foi ver quem era e disse ao lord:

—E' o juiz e os seus ajudantes.

Estas palavras causaram profunda impressão ao lord.

James dirigiu-se ao encontro da autoridade e disse inclinando-se respeitosamente:

—Tenham a bondade de entrar, meus senhores.

Em seguida retirou-se.

Passados dez minutos dirigiram-se todos para o quarto onde jazia a desventurada lady.

Durante muito tempo o inspector da policia e os que o acompanhavam examinaram minuciosamente todo o aposento, paredes, sobrado, janellas e moveis.

Estava quasi concluido o exame quando um dos policiaes soltou uma exclamação de surpresa; erguera a colcha de seua que cobria o leito e descobrira sobre a alcatifa uma setta e um arco.

Todos se acercaram olhando com curiosidade e assombro para tão importante descoberta.

—Não offerece duvida, exclamou o inspector dirigindo-se ao lord, que sua esposa foi morta com esta arma deveras rara... Onde iriam buscal-a?

O lord olhou surprehendido para aquelles objectos e exclamou depois de os haver examinado detidamente, como se os tivesse reconhecido de subito.

—Mas não me engano com certeza. Pertencem á minha collecção...

Todos se entreolharam com espanto.

—Senhor inspector, disse um dos policiaes, fiz outra descoberta.

E entregou ao chefe uma pedra preciosa.

O inspector examinou-a e descobriu-lhe duas iniciaes, A. S.

Tinha-se solto de um anel.

—Tem alguém em sua casa, lord Worthfield cujas iniciaes sejam A. S.? perguntou o inspector.

O interpellado quedou-se pensativo e respondeu com tristeza:

—Angela Sorel.

O inspector deu immediatamente começo ao interrogatorio.

A declaração mais importante foi a da creada que recebe Angela Sorel no quarto quando ella perdera os sentidos.

—Sinto remorsos na consciencia, começou a creada. Não posso calar-me por mais tempo. Confessarei tudo.

—Que tem que dizer? perguntou impaciente o inspector. Viu alguma coisa?

A creada fez um signal affirmativo.

—O quê?

—Sangue... na *matinée* da senhora Sorel.

Ouvindo estas palavras, o lord encostou os braços na mesa e occultou o rosto nas mãos como se lhe houvessem causado profunda commoção.

—Quando foi que esse facto se deu? perguntou o inspector.

—Algumas horas depois de se ter perpetrado o crime; o sangue estava ainda fresco.

O inspector ordenou immediatamente que lhe apresentassem a *matinée* comprometedora a que a creada alludira na sua declaração e que chamassem á sua presença a senhora Sorel.

Pouco depois entrava a formosa loura, tão fraca e abatida que teve de se sentar, apenas deu ingresso no aposento onde se encontrava a autoridade.

Quando a desventurada viu o lord, afastou-se d'elle com terror e o inspector que a observava disse aos collegas:

—Mais uma prova contra ella; teme o esposo indignado.

Em seguida fitando-a com insistencia, perguntou-lhe n'um tom solemne:

—Responderá com verdade ás perguntas que lhe vou dirigir?

A interpellada não respondeu.

—Reconhece este objecto como sendo do seu uso? e o inspector apresentou-lhe a *matinée*.

—Como se encontra isto aqui? O que é? perguntou muito surprehendida.

—Tenha a bondade de se approximar, tornou o inspector, e poderá ver melhor do que se trata. Porque motivo se encontra manchada de sangue?

A pobre Angela mettia verdadeiro dó; era tão grande a commoção que d'ella se apoderara que novamente foi obrigada a sentar-se.

O lord ergueu-se acto continuo e approximou-se do inspector da policia, conservando-se defronte da supposta criminosa.

Durante um curto espaço de tempo reinou um silencio sepulchral no aposento. Pareciam todos mergulhados em sombrias reflexões.

Entretanto o inspector tinha-se apoderado de um pequeno objecto que conservava entre os dedos, e olhando para Angela Sorel disse:

—Esta pedra pertence-lhe?

A creada grave de lady Worthfield olhou attentamente para a pedra e para o anel que tinha no dedo e retorquiu mostrando a maior estupefacção.

—Devia estar engastada n'este anel, certamente que a perdi.

—E onde encontrou esta pedra, Campbell? perguntou o inspector a um dos seus subalternos.

—Na bacia do lavatorio que se encontra n'este quarto, dentro de agua suja de sangue.

Angela Sorel mostrou-se aterrada, os seus olhos muito abertos exprimiam o maior assombro.

—Lembra-se, senhora Sorel, de se ter lavado no lavatorio d'este quarto? insistiu o policia.

—Como poderam encontrar aqui a pedra preciosa

do meu anel? exclamou a interpellada sem responder ao inspector e como que fallando consigo mesma.

O inspector não desviava os olhos da desventurada; não tinha a menor duvida de que se encontrava na presença da verdadeira criminosa.

—Não se recorda se lavou as mãos n'este lavatório? insistiu o inspector.

—Não, senhor; não me recordo.

—Lady Daisy Worthfield foi assassinada hontem á noite. A arma com que o crime foi perpetrado pertence á collecção do lord; todavia as suspeitas não recaem sobre elle, mas sobre Angela Sorel.

«Responda, portanto, sem rodeios.

E depois de uma curta pausa, pegou no arco e na setta que tinham sido encontrados no quarto da defunta e disse, designando-os:

—Conhece esta arma?

O lord que se encontrava por detraz do inspector, cravou o olhar fixo e penetrante em Angela Sorel.

A desventurada não respondeu ao inspector, que repetiu impacientemente:

—Conhece esta arma?

Angela abriu os seus grandes olhos que exprimiam o maior terror e continuou muda e immovel.

—E' forçoso que responda a verdade, tornou o inspector. Está relacionada com o criminoso? Conhece, ou sabe quem é o assassino ou... a assassina?

O lord abriu desmesadamente os seus grandes olhos negros que fixou na infeliz mulher como se quizesse trespassal-a.

—Sim, respondeu Angela movendo a cabeça.

Todos que se achavam presentes, ficaram consternados ao perante aquella franca affirmacção.

—Ella não dorme, acrescentou tremendo, está morta... Fui eu que a matei.

A esta declaração seguiu-se demorado e profundo silencio; todas as testemunhas d'aquella scena estavam vivamente impressionadas.

—E porque foi que a matei? perguntou o inspector. Declare a razão que a levou a commetter um crime tão terrível.

—Sou eu a sua assassina... e... a amante d'elle. Quero ser... a senhora... no logar... de Daisy... respondeu Angela.

—De sorte que foi o ciúme que a instigou a perpetrar o crime?

—Sim... o ciúme, retorquiu Angela Sorel.

Depois de ouvir estas palavras, ergueu-se o lord da cadeira, occultou o rosto nas mãos e soltou um doloroso suspiro. O suor caia-lhe pela frente; debalde pretendia dissimular a sua commoção.

Longe porem de a occultar, pediu licença ao inspector para se retirar para os seus aposentos, sob pretexto que se achava muito impressionado com a inesperada declaração que acabava de ouvir.

O inspector acompanhou o lord até á porta, e depois de se despedir d'elle, voltou para junto de Angela Sorel a quem se dirigiu n'estes termos:

—Agora que confessou ter sido a culpada do crime, deante de tantas testemunhas, tenho forçosamente que cumprir a minha obrigação.

«Portanto, senhora Angela Sorel; em nome do rei está presa.

A supposta criminosa conservou-se immovel como uma estatua, dir-se-hia que aquellas palavras não lhe eram dirigidas.

—Campbell, trate de levar esta mulher n'uma carruagem para a prisão.

«Ao mesmo tempo que o inspector da policia se encaminhava para a porta do palacio, entrava ali o celebre criminalista Sherlock Holmes.

O inspector teve grande prazer com aquelle inesperado encontro e ao mesmo tempo que apertava a mão ao criminalista disse-lhe:

—Hontem pedi-lhe a sua cooperação para averiguar qual foi o criminoso auctor do amor de lady Worthfield e hoje tenho a satisfação de lhe declarar que já o encontrei.

E quem é? perguntou o celebre criminalista com a maior tranquillidade.

—A assassina é a senhora Angela Sorel, creada grave, amiga e companheira da desditosa lady.

«Perpetrou o crime cega pelo ciúme que tinha da esposa do lord de quem é amante.

«Alem do ciúme também foi levada ao crime pela ambição, acrescentou o inspector muito ufano pela sua descoberta. Desejava, como ella propria declarou, tomar o logar da lady, casando com o amante.

N'este momento approximava-se Angela Sorel com as mãos atadas e seguida por dois policiaes.

—Está á espera da carruagem que a ha-de levar á prisão, disse um policia.

—Dá-me licença, senhor, inspector, que diga duas palavras á pressa? disse Sherlock Holmes.

Auctorizado pelo inspector, o celebre criminalista approximou-se de Angela e ao mesmo tempo que lhe apertava a mão, disse-lhe commovido.

—Esteja socegada, senhora Sorel! Não perca a coragem, não desanime, succeda o que succeder. Eu trabalharei para provar á sua innocencia e espero conseguilo; é questão de tempo. Tenha confiança em mim.

A desventurada soltou um doloroso suspiro e exclamou, olhando ansiosa para Sherlock Holmes.

—Salve-me, senhor!... Pode crer que estou innocente... Juro...

E inclinando a formosa cabeça sobre o peito, deu curso ás lagrimas que até alli contivera.

O criminalista procurou as palavras mais convenientes para a consolar e deu-lhe o braço para a conduzir ao trem que a esperava.

Os policias estavam extremamente admirados da scena que presenciavam. Não acreditavam quasi no que viam.

O celebre criminalista sem fazer caso algum da sua opinião, despediu-se novamente da infeliz e antes do trem partir disse-lhe commovido:

—Não tenha receio; é uma tempestade que passa e não tardará que venha a bonança. Deus nunca desampara o justo, confie n'elle e tenha coragem.

Quando o trem partiu, o inspector disse ao criminalista:

—Terminou a comedia?

—Não se trata de comedia, mas antes de uma verdadeira tragedia, retrucou Sherlock Holmes.

O inspector embora tivesse grande consideração por Sherlock Holmes não se lhe julgava inferior. Além d'isso, orgulhoso pelo resultado das investigações a que procedera, replicou com insolencia:

—Não posso comprehender a sua sympathia por uma mulher justamente considerada como criminosa e assassina.

—Angela Soré é tão criminosa como o senhor e como eu.

—Como! Pois não valem de nada as suas declarações? Se as fez, foi certamente por se saber culpada, retorquiu o inspector.

—Não são de molde a poder provar que é responsável pelo assassinio que se praticou.

—Senhor Holmes, francamente não o entendo; creio que o cegou a sympathia que lhe inspirou a formosura d'aquella mulher perigosa, replicou o policia.

—Não continuarei a discutir consigo, do momento que fez uma insinuação que considero como offensiva; mas fique sabendo que sobre estas apparencias ha-de brilhar ainda a verdade em todo o seu esplendor e que o falso juizo que formulou ha-de ser destruido por todos cuja consciencia fór imparcial. Depressa o veremos e então se convencerá da veracidade das minhas palavras.

CAPITULO VII

Uma carta

Durante a ausencia de Sherlock Holmes chegara uma carta para elle, que a senhora Liverpudding puzera sobre a secretária.

Apenas o celebre criminalista entrou no quarto e deparou o subscrito, adivinhou que era de Harry Taxon: ao ver a lettra acabou de se convencer.

Abriu immediatamente a carta cujo contheudo era o seguinte:

«Meu muito respeitado e querido mestre;

«Após uma longa e difficil viagem, posso emfim referir-lhe algumas peripécias que me succederam.

«Escrevo-lhe junto de uma cabana de cafres, com o papel sobre os joelhos e a espingarda perto de mim assim como alguns animaes mortos.

«Hontem julguei morrer de fome, mas como vê, ainda não me enterraram.

«Estive desde de manhã até á meia noite, sem provar coisa alguma; andei constantemente perdido. Deus sabe quantas vezes percorri o mesmo caminho!

«O que me valeu foi ter encontrado algumas nascentes de boa agua com que pude mitigar a sede abrasadora que me atormentava.

«Quando menos o esperava caeci alguns animaes que me serviram de jantar, de ceia e de almoço.

«Segundo as suas instrucções fui ás minas de diamantes, situadas a pequena distancia do local onde me encontro e fallei com o chefe dos telegraphos.

«Declarou-me que até á estação de Whitewaters-Randberg responde pelo que succeda, mas que não pôde garantir coisa alguma d'esse ponto em diante visto que a rede se separa em muitos fios. Suppõe fundadamente que ha uma interrupção devida a mão criminosa, mas que, em vista da difficuldade do transporte, não poude ainda averiguar o caso.

«N'esta região tenho tido aventuras curiosas e corrido innumerous perigos devido ás pantheras desejosas de provar a minha carne; mostrei-lhes porem que não se me podem approximar impunemente, estando eu armado com a minha pistola Browning.

«Se me enviar qualquer mensagem para a estação de Whitewaters-Randberg, irei buscal-a.

«Receba os respeitosos cumprimentos do seu discipulo e amigo.

Harry Taxon.

Logo que o criminalista se inteirou do contheudo da carta, ergueu-se e tocou a campainha.

Havia formado o seu plano.

—Não terei as mesmas difficuldades que o chefe

da estação dos telegraphos. Eu proprio inspecionarei a linha. Estou certo que de uma cajadada matarei dois coelhos.

Pouco depois entrava a senhora Liverpudding no quarto do criminalista.

—Tenho que partir immediatamente para uma viagem, disse Sherlock Holmes. Quer ter a bondade de me ajudar a arranjar as malas?

—Sim, milord, respondeu a viuva. E demorar-se-ha muito?

—Vou por tempo indeterminado, retorquiu o criminalista. Pagar-lhe-hei mez e meio de pensão.

—E' muito bondoso, milord, tornou a viuva comovida; ha poucos que tenha a sua generosidade.

—Onde está Sambo? perguntou o criminalista.

—Na cosinha. Quer que o chame?

—Não, obrigado, replicou o criminalista. Eu mesmo irei procurar-o; entretanto, cuidará das malas, e procure-me alguém que leve este telegramma á estação.

Rasgou uma folha da carteira e escreveu estas palavras.

«Harry Taxon, Estação Whitewaters-Randberg.»

«Sigo.»

Holmes

Dirigiu-se em seguida á cosinha, onde Sambo estava trabalhando como um consummado cozinheiro em serviço da viuva que o apreciava extremamente. Alem da sua indiscutivel actividade, qualidade bem rara nos da sua raça, distinguia-se pela perfeição com que fazia qualquer serviço.

—Que te parece, Sambo, a ideia de regressares á tua terra e encontrares os teus irmãos, disse-lhe o criminalista.

Sambo voltou-se promptamente e respondeu juntando as mãos:

—*Massa*. Sambo julgar-se-hia feliz!

—Pois se assim é o negocio está resolvido, retorquiu o celebre criminalista. Prepara-te para a viagem porque tens que me acompanhar.

—*Massa!* tornou o negro beijando as mãos do seu senhor.

—Bem, Sambo, cumpre as minhas ordens.

Passado algum tempo voltou o negro prompto para a viagem como lhe havia indicado o seu senhor; traxava parte á moda europeia, parte como selvagem, envolto n'uma pelle de tigre, e com diferentes armas aos hombros.

Na Cafraira

N'um bosque espesso e sombrio onde os dourados raios do sol pretendiam, inutilmente, abrir caminho atravez dos ramos entrelaçados das arvores gigantes-cas que se levantavam do solo virgem, não se ouvia o minimo ruido.

O silencio era profundo n'aquelle local deserto, tão distante de toda a civilisação.

De subito ouviu-se como que o estalido que faziam os troncos quebrando-se e destacaram-se duas sombras, que pareciam humanas e seguiram pela densa floresta.

—Vamos, Sambo, julgava-te melhor guia. Afinal conheces tanto os caminhos da tua terra como eu.

Quem proferia estas palavras era um homem distincto e elegante com trajó de caçador, n'uma palavra, era Sherlock Holmes.

—Sambo está cansado, voltou o negro.

—Tambem me succede o mesmo, replicou o genial criminalista. Ha uma hora que andamos por esta floresta sem logarmos encontrar-lhe o fim, andamos certamente perdidos.

E proseguiram o seu caminho, em silencio, vencendo os multiplos obstaculos que se lhe apresentavam; ora tinham que saltar algum monticulo, ora davám uma enorme volta para fugirem a um precipicio, ou então retrocediam porque não encontravam saída.

Andavam assim havia muito tempo, quando lhes chegou aos ouvidos um ruido estranho; o criminalista pegou acto continuo na arma que levava ao hombro prompto para fazer fogo, fazendo o negro outro tanto.

Viram então approximar-se um bando de gansos cujo vôo não se elevava muito acima das suas cabeças.

Dispararam as espingardas caindo immediatamente no solo duas d'essas aves; Sambo apanhou-as, atou-as e levou-as ao hombro.

—Tratemos de procurar um local onde possamos arranjar lume para assar a caça, disse o criminalista.

Encontraram perto o que desejavam; o negro largou as aves no sólo e foi em procura de lenha.

Entretanto Sherlock Holmes depennava uma das aves e dispunha as pedras para se preparar o lume.

Pouco depois apparecia Sambo com uma quantidade de lenha, que dispoz entre as pedras reunidas pelo criminalista e preparou um excellente lume.

Logo que as aves estavam assadas, sentaram-se sobre a herva, puxaram das navalhas, dividiram a ave e comeram-n'a com excellente appetite.

A pequena distancia corria uma nascente onde

mitigaram a sede que começava a atormental-os.

Estava o festim completo. Tinham restaurado as forças e achavam-se com mais animo para proseguirem o caminho.

Embrulharam o outro ganso e trataram de descobrir uma saída do bosque. Com a pressa o criminalista esqueceu-se do sobretudo.

—Com certeza que andamos perdidos, disse Sherlock Holmes, depois de andarem durante muito tempo. Sambo contentou-se em encolher os hombros.

Depois de darem mais alguns passos ouviram o ruído de troncos que se quebravam com violencia; voltaram-se vendo a pequena distancia a figura de um homem com um sobretudo de viagem, e a cabeça descoberta.

—Será um missionario ou um explorador? disse comsigo o criminalista.

E apressou o passo para ir ter com o homem que vira, e travar conversa com elle aproveitando o seu conhecimento do local.

Sambo seguia-o.

O desconhecido parecia não dar por coisa alguma continuando a caminhar.

—Desculpe-me, senhor, disse-lhe Sherlock Holmes logo que o alcançou, se o estorvo nas suas reflexões. E olhou-o de frente.

Qual não foi o seu espanto quando viu que era um macaco com o seu sobretudo que lhe esquecera e deixara sobre a herva.

Ainda nem sequer dera pela sua falta.

Felizmente o macaco fugira; do contrario talvez o criminalista passasse um mau bocado, embora se collocasse immediatamente em attitude de defesa.

—Não atire, senhor! Se fere ou mata algum, estas mos perdidos, exclamou Sambo.

O criminalista reconheceu a sensatez da observação do seu companheiro e contentou-se em disparar para o ar um certo numero de vezes alvejando umas aves que quasi lhe passavam por cima da cabeça.

O ruído das detonações produziu um effeito admiravel e imprevisto; aquelle respeitavel exercito de macacos, tomados de terrivel panico, desertou as fileiras, tomando as direcções mais oppostas.

Passaram o dia todo n'estas e identicas peripécias e chegaram por fim extenuados á estação de White-waters-Raubery onde os esperava fremente de impaciencia Harry Taxon, o discipulo querido do genial criminalista.

Na manhã seguinte puzeram-se de novo a caminho Sherlock Holmes, Harry Taxon e o bom negro Sambo.

A perspectiva que se lhe offerecia a cada passo era totalmente differente da do dia anterior; em vez de bosques impenetraveis, estendiam-se vastos cam-

pos, aridos como um deserto, com pequenos oasis de verdura onde se divisavam bufalos e zebras!

Por mais de uma vez Harry Taxon tentou entre-gar-se ás suas tendencias cynegeticas, mas teve que as abandonar porque o mestre lhe lembrou que cada coisa se deve fazer em occasião propria.

De tempos a tempos encontravam povoações dos cafres que recebiam os nossos viajantes com evidentes demonstrações de carinho, dando-lhes boa hospitalidade, que estes recompensavam presentando-os com tabaco.

Numa d'ellas encontrou o criminalista dois rapazes corajosos, bons caçadores, que se offereceram para o acompanhar, como guias, medeante uma boa remuneração, isto é, uma dose de aguardente, algum tabaco e duas armas de fogo; o contracto foi por tempo indetermindado.

A noite apanhou os nossos viajantes n'um descampado. Prepararam camas para Sherlock Holmes e Harry Taxon, ficando o negro no solo.

Depois de prepararem boas fogueiras afim de afuzentarem as fêras, trataram todos de dormir pois bem necessitavam de repouso, tendo caminhado durante o dia inteiro.

CAPITULO IX

A sentença

Logo que surgiram no horizonte os primeiros arvores do dia, a pequena caravana poz-se a caminho até chegar á estação telegraphica onde já estivera Harry Taxon por ordem do criminalista.

Depois de terminadas as averiguações n'aquelle local, Sherlock Holmes quiz continuar a explorar o terreno pelos arredores.

Havia uma hora que se tinham posto a caminho, quando o criminalista descobriu uma cova. Sentiu logo uma voz intima que lhe segredava:

—Esté ali dentro o que procura.

Não hesitou portanto em entrar ahi seguido por Harry e pelos tres negros.

A escuridão era profunda; não se via a meio metro de distancia.

—Harry, chamou o criminalista accendendo um archote.

Devido a essa luz puderam distinguir no solo, entre os rochedos ossos quebrados de homens e de animaes.

Depois de andarem um bom bocado, viram a claridade do dia que entrava por uma grande abertura

formada por dois montes e coroada por paus que sustentavam os fios electricos.

—Fizemos uma excellente descoberta, Harry, murmurou o criminalista. Sigamos com a vista os fios, vejamos se algum d'elles se desvia para o interior d'esta caverna.

—Sim, mestre, já vejo um que entra no rochedo, retorquiu Harry.

Uns ruidos selvagens interromperam o maneo; a caravana viu na distancia luzir os olhos de duas feras.

—São leões! exclamou Harry Taxon recuando.

A situação tornara-se profundamente desesperada; era impossivel fugir.

O criminalista n'um relance comprehendeu o perigo: mas sereno e corajoso como sempre, pegou na arma e visou as feras; seguindo-lhe o exemplo Harry Taxon e os negros.

Sherlock Holmes deu alguns passos para a frente, seguido pelos seus companheiros, todos promptos para atirarem sobre as feras.

Reinava aquelle silencio profundo que sempre precede um desenlace sangrento, interrompido apenas pelo ruido que fazia alguma pedra caindo no abysmo.

As feras olhavam para os seus inimigos que se lhes iam approximando, e soltaram uns rugidos tão terribes que os dois negros contractados pelo criminalista, recuaram assustados, ficando só o fiel Sambo ao lado dos seus senhores.

De repente o leão que estava em frente do maneo deu um salto para elle, mas no mesmo instante resouu uma detonação procedente da arma que empunhava Harry Taxon, seguida de um espantoso rugido da fera.

Coube a Sambo a gloria de a acabar de matar com as suas armas.

A leoa vendo-se só, fugiu á triste sorte que a esperava se ali permanecesse.

Os negros, compatriotas de Sambo, refeitos do susto, já se haviam approximado e participavam da justa alegria que enchia os corações dos heroes da jornada.

Aquelle inesperado encontro fez ver a Sherlock Holmes a necessidade de se encontrar prevenido para qualquer ataque.

—E' necessario, Harry, que carregues de novo a tua arma, para nos não encontrarmos desprevenidos; pde apparecer-nos alguma surpresa.

«Agora vaes subir este rochedo afim de observares a direcção que segue o fio electrico que se encontra desviado; toma cuidado para não caires.

Harry Taxon deu-se pressa em cumprir a ordem do mestre; cinco minutos depois encontrava-se no cimo do rochedo onde se via o posto telegraphico.

Olhou attentamente para o buraco onde penetrava o fio desviado e viu que terminava n'uma casa feita

no rochedo, illuminada por luz artificial e que não parecia achar-se distante.

Pouco depois davam ahi ingresso Sherlock Holmes e o seu fiel ajudante.

Qual não foi o assombro de Harry Taxon quando ao primeiro relance, avistou n'um canto d'aquella casa escondida no rochedo, uma mesa com um apparelho Morse d'onde saiam faiscas electricas.

—Como vês, Harry, encontrámos o que procuravamos. Nunca se obtem a victoria sem vencer muitas difficuldades.

Depois da mesa, passou a examinar o que a cercava.

N'um canto afastado viu um vulto negro e accercando-se descobriu que era um homem adormecido sentado n'uma cadeira.

Via-se tambem sobre uma mesa uma bacia com agua e ao lado umas luvas com as iniciaes D.W.

O homem abriu os olhos pouco a pouco, moveu-se e disse:

—Sim... sim... quero... fazer tudo...

A attitude d'aquelle homem revelava uma grande tensão de nervos.

O criminalista examinou-lhe o rosto com attenção e disse para comsigo:

—Será outro hypnotisado? Não o provam as suas palavras?

Pegou-lhe nas mãos, tomou-lhe o pulso e reconheceu que tinha febre.

Acudiu-lhe então uma subita ideia que o encheu de alegria; ia simular que era o lord.

—Sou lord Worthfield, disse o criminalista imitando-lhe a voz.

«Conheces-me?

—Sim... sim... exclamou o maneo com uma voz fraca.

«Fiz tudo que me ordenou.

—Recebeste as noticias das minas e trocaste-as como te mandei?

—Sim... sim... milord, assim fiz, murmurou inclinando a cabeça.

—Não descuraste nada do que te ordenei? tornou o criminalista fixando os olhos nos do sonambulo.

—Procedi... conforme me ordenou.

—E onde tens as minhas cartas?

—Occultas... no solo.

—Onde? Em que sitio.

O rosto do maneo tornou-se pallido como o de um morto e o corpo tomou a rigidez de um cadaver.

O criminalista auxiliado pelo discipulo deitou-o no solo e cobriu-o com uma pelle de panthera que ali encontrou.

—E' um caso extraordinario! murmurou Harry.

—Mas não é difficil de explicar, replicou Sherlock Holmes. Este maneo presta-se muitissimo bem para

ser hypnotizado o que não passou despercebido a um malvado lord, chamado Worthfield. Tomou-o para o seu serviço e utilisou-se d'elle como instrumento inconsciente para designios criminosos.

—Julga n'esse caso que foi este mancebo na estado de hypnotismo que falsificou as noticias que causaram tão grande alarme na Bolsa? perguntou Harry.

—Exactamente, murmurou Sherlock Holmes. D'esta maneira, o lord pode fazer o que quizer sem se comprometter.

«Primeiro do que nada, urge que nos apoderemos da correspondencia.

—Mas onde estará? perguntou Harry.

—Sem duvida, em qualquer esconderijo no solo.

«E' caso para procurar sem descanso até que logremos encontrar-a.

Com o auxilio dos negros, conseguiram levantar algumas pedras enormes do chão, e por baixo de uma d'ellas, havia um buraco onde se encontrava uma caixa de madeira.

O genial criminalista apoderou-se d'ellas como o avaro de um thesouro e levou-a para cima de uma mesa afimde a abrir.

Levantando a tampa, esviasaram o contheudo da caixa caindo sobre a mesa uma infinidade de cartas e bilhetes.

A tarefa reduzia-se apenas a tomar conhecimento do que dizia a correspondencia.

A maior parte das cartas e dos bilhetes referiam-se ao negocio das minas; depois de se entregar muito tempo áquella leitura, o criminalista encontrou um papel onde estava a falsa noticia que havia sido remettida á bolsa.

Sherlock Holmes puxou da carteira, e tirou d'ahi um bilhete onde estava escripto.

«Lord Davis Worthfield tem a honra de convidar lord Guy Mandleroy para tomar amanhã uma chavena de chá.»

Confrontou a letra do papel da noticia com a do bilhete.

—A letra de ambos é a mesma, não offerece a menor duvida, exclamou o criminalista louco de contente.

Em seguida guardou-as na carteira.

—Do momento que teremos de dormir ao relento, valeria mais ficarmos aqui, disse Harry Taxon,

—Tens razão, replicou o criminalista. Estou certo que por todos os arredores não encontrariamos melhor logar para repousarmos.

Após tanta fadiga convem-nos o descanso.

Parece-me que vou dormir de um somno até manhã.

Chegava o dia do julgamento de Angela Sorel accusada de ter assassinado lady Worthfield de quem fôra creada grave e companheira.

O tribunal estava cheio e a animação era enorme.

O juiz mostrara-se extremamente severo.

—O culpado de um assassinio deve ser condemnado á morte, dizia o alto funcionario, repetindo as palavras do codigo.

Embora o advogado tivesse commovido o auditorio descrevendo eloquentemente a loucura do crime, a força irresistivel do amor que leva a esquecer tudo quanto ha de bom, todos os sentimentos humanos, e n'um dado momento em que não se pensa, impelle até ao crime, o juiz repetia a terrivel sentença do codigo, e a justiça não se dobrava.

Vendo o advogado que a força da accusação estava na culpabilidade da sua cliente no crime, tentou destruir esse ponto e declarou que Angela Sorel procedera suggestionada, sob uma vontade alheia á sua. Provou a sua asserção baseando-se nas condições physiologicas da accusada e na presumpção de que o lord, entusiasta como era pelo espiritismo, se servira da desventurada afim de se apoderar da fortuna da esposa.

Todavia estas allegações requeriam provas mais conclusivas do que as que o advogado possuia.

O juiz sem se commover, dizia, dirigindo se ao advogado.

—Apresente provas de que o lord hypnotisou a accusada, absolvel-a-hei immediatamente.

Como as não tinha, foi-lhe impossivel proseguir na defesa.

No momento em que houvera uma pequena interrupção nos debates approximou-se do advogado um cavalheiro com um elegante fato de viagem, que lhe disse tirando o das profundas reflexões a que se entregava.

—Desculpe, senhor, se o incommodo.

«Mas offerece-se-me dizer-lhe que posso as provas que tão baldadamente tem procurado.

«Como o caso me interessava particularmente, por sympathia pela accusada, tratei de me informar e creio que o consegui.

—Interessa-o este caso? Realmente possui provas em favor da minha cliente? perguntou o advogado.

—Nem mais nem menos, replicou o desconhecido. Quasi sem dar por isso, começaram a passear pela sala, ao lado um do outro.

—As suas palavras, nascem talvez do desejo que

tem de salvar essa pobre e desventurada mulher, disse o advogado após uma breve pausa.

— Não diga semelhante coisa; não se trata de parricidas mas de factos, retorquiu o desconhecido.

— Será por acaso parente da accusada?

— Não, senhor, todavia aprecio-a com a sympathia que inspiram a desgraça e a innocencia reunidas.

— Também eu tenho a certeza de que esta senhora está innocente, comtudo não me é dado demonstrar-o respondeu o advogado.

Só um bom policia me podia tirar d'este apuro.

— E qual desejava? Pode ser que se obtenha a sua cooperação.

— E' impossivel, acha-se em Inglaterra... é Sherlock Holmes.

— Creio que se encontra na cidade.

— Conhece-o?

— Como não hei de conhecê-lo... se sou eu mesmo?

O advogado ficou mudo de assombro, mas recuperando a serenidade, exclamou cheio de esperança e enthusiasmo!

— N'esse caso, temos a causa ganha, por favor, dê-me quanto antes as provas da innocencia da accusada e contra o lord.

— Trago-as na algibeira, respondeu o celebre criminalista.

— Estamos salvos, senhor Holmes.

* * *

No dia seguinte, o lord era preso, e por ordem do juiz, a desventurada Angela Sorel recuperava a liberdade.

A prisão do lord causou profunda sensação na cidade; todos os jornaes enchiam innumerias columnas relatando as causas que, segundo se dizia, a haviam motivado.

Entretanto, a senhora Liverpudding preparava com todo o zelo o quarto para lord Mandleroy e ainda outro para o seu secretario.

Algumas semanas depois o juiz condemnava lord Worthfield á pena de morte.

E, quantos contrastes ha na vida!

Por aquelles dias, Angela Sorel desposava Carlos Pickerning, rico commerciante inglez.

Davam realce á festa Sherlock Holmes e Harry Taxon, testemunhas do casamento.

O anel de nupcias foi o mesmo que havia servido para provar a supposta culpabilidade da innocente senhora.

— Senhor Holmes, disse Carlos, quando terminou a cerimonia, devo-lhe a vida, porque se tivessem condemnado a minha Angela, não me seria possivel sobreviver a tão grande desgosto.

«Não sei como lhe hei de provar o meu reconhecimento; tudo quanto as minhas palavras lhe possam dizer será pouco comparado com o que o meu coração sente.

Em seguida os apaixonados noivos subiram para a carruagem que devia conduzi-los ao hotel.

Dias depois tomavam logar no vapor inglez «Newcastle» os noivos, o genial criminalista Sherlock Holmes e o seu ajudante Harry Taxon.

FIM

Ler no proximo numero:

Os assassinos de Midlesworth

Aventuras extraordinaria d'um policia secreta

OS DESEQUILIBRADOS DO AMOR

Série de romances psycho-pathologicos

(Por Arnaldo Dubarry)

O Amor nas suas diversas manifestações, regeu, rege e regerá perpetuamente o mundo. Provam-no o estudo das civilizações antigas, os costumes, as crenças e as tradições de todos os povos até á actualidade e a nossa vida contemporânea.

E tudar as aberrações a que as paixões desviradas conduzem os humanos, tal foi o intuito do auctor ao escrever a série de romances psycho-pathologicos que subordinou no titulo geral *Desequilibrados do Amor*, e nos quaes os vicios contra natura, o hermaproditismo, a histeria, a depravação e assumptos analogos são tratados com mão de mestre.

Dos *Desequilibrados do Amor* acha se publicado o prime ro volume:

O Fetichista

Deveno seguir-se a este interessante romance sobre uma das mais repugnantes manifestações da lubricidade, os seguintes, já no prelo:

- Os Invertidos
- O Hermaphrodita
- A Histerica
- Os Flagellantes, etc., etc.

500

Preço de cada vol. edição de luxo, nitidamente impressa em bom papel

◆ REIS ◆

Aventuras LORD JACKSON

◆ ◆ ◆ de Genial e audacioso policia - amador

◆ Unico rival de Sherlock Holmes ◆

7 serie completa d'esta obra compõe-se dos seguintes

volumes :

- | | |
|-----------------------------------|--|
| 1 Crimes no palacio Jackson | 18 Jackson envenenado |
| 2 O osso d'uma perna | 19 Ressurreição de Jackson |
| 3 Evasão d'um malvado | 20 Sapatos de defuncto |
| 4 Crimes impunes | 21 Lord Jackson contra Sherlock Holmes |
| 5 Calvario d'um assassino | 22 Mulheres policias |
| 6 Um attentado de terrorista | 23 Um milhão de francos |
| 7 A crença martyr | 24 As bravatas de um Yankée |
| 8 Resgate sangrento | 25 Coração torturado |
| 9 A falsa suicida | 26 O quarto dos mortos |
| 10 Um drama nas nuvens | 27 A cabeça cortada |
| 11 Junto da guilhotina | 28 O segredo do conde |
| 12 Jackson, em poder dos bandidos | 29 Tragado pela areia |
| 13 O cão policia | 30 A derrota dos bandidos |
| 14 O esqueleto vivo | 31 Os mysterios de Chicago |
| 15 Bandulos de casaca | 32 O subterraneo dos cadaveres |
| 16 A rainha dos apaches | 33 Por seguir uma mulher |
| 17 Duas facanhas notaveis | 34 A renuncia de Lord Jackson |

60 cada volume = Serie completa, 2.000 rs.

REIS

IVRO DE LEITURA

para a 4.ª classe dos Lyceus

= 1 volume illustrado 400 rs. =

JIU-JITSU

1 vol. edição de luxo com 19 bellas

◆ + fotografavuras de pagina ◆ +

= 600 reis

Collecção Artística

Publicação mensal e illustrada das mais sensacionaes novidades litterarias estrangeiras

Volumes publicados

1. Arsenio Lupin, gatuno da alta roda, por Maurice Leblanc (Esq.). 2. O Homem Mysterioso, Guy de Tivronand. 3. O tumulo de gelo, Pierre Giffard. 4. Arsenio Lupin contra Herlock Sholmes, Maurice Leblanc. 5. Um grito na treva, Gols-corthy. 6. O Prisioneiro de Marte, G. Le Rouge. 7. O Club dos Ladrões, Henry A. Hering. 8. A Agulha Ócea, (Novas aventuras de Arsenio Lupin) M. Leblanc. 9. O Homem sem rosto, Paul d'Ivoi. 10. A Virgem Vermelha, Pierre Giffard. 11. O Canhão do somno, Paul d'Ivoi. 12. Qual dos tres? grande romance policial, A. O. Green. 13. A Guerra dos vampiros, G. Le Rouge. 14. O Pirata de Ferro, Max Pemberton. 15. As tres gatinhas, sensacional romance de aventuras) Paul d'Ivoi. 16. Kowa, a mysteriosa por Ch. Foley. 17. 813. (Novas aventuras de Arsenio Lupin) por M. Leblanc. 18. Em Férias, por Henri de Régnier. 19. O Palacio submarino, por Max Pemberton. 20. Um crime tenebroso, por A. Galopin. 21. A sombra mysteriosa, por Feigus Hume.

350 rs. Cada vol, in-4º, contendo a materia de um

grosso vol, in-8º, de 300 000 rs. 350

Novidade Litteraria

ESCOLA DO VICIO

por Victorien du Saussay
1 vol. com capa artistica 700 rs.

LEIAM TODOS:

O conquistador de criadas

Militante romance d'aventuras galantes
Um grosso volume com capa artistica e esplendidas gravuras 300

RENÉ EMERY

S.ª Maria Magdalena

Romance dos tempos biblicos
I A Paschoa de Formosura
II Chammas de voluptuosidade—III Moab, terra da luxuria—IV Pela senda do amor—V Beijo supremo.
1 eleg. vol. em 8º com artistica capa a 8 côres 700 rs.

COMO SE CONQUISTAM MULHERES

Conselhos a um rapaz
1 vol. ed. de luxo, 600 rs.

TRATADO PRATICO DE GIMNASTICA SUECA

por L. C. Kumlien.

Edição de luxo, profusamente illustrada, formando um elegante vol. in 8º gr.

300 Rs.

UMA OBRA VERDADEIRAMENTE SENSACIONAL

AS MISSAS NEGRAS

Feitiços, diabruras, malefícios e sortilégios
OS AMORES E O CULTO DE SATANAZ
600 rs. Um grosso e elegante volume in-8 gr. rs. 600

— A Novella HISTORICA

Publicação quinzenal de grande formato
Cada numero um episodio completo

60 R. A PUBLICAÇÃO MAIS **R. 60**
BARATA de PORTUGAL

— A mais notavel e sensacional
— das novidades litterarias —

Edição esmerada, cuidadosamente impressa
e composta em magnifico typo

E' um trabalho vasado em moldes inteiramente novos que
formará a mais completa, a mais curiosa, a mais instructiva

HISTORIA de PORTUGAL

Desde os tempos primitivos até á actualidade

Volumes publicados:

- 1 Viriato, o heroe luso
- 2 Roma na Lusitania
- 3 Os barbaros do Norte
- 4 A invasão dos Arabes

- 5 Fundação de Portugal
- 6 O cerco de Guimarães
- 7 Egas Moniz

A seguir:

- 8 Conquista de Lisboa
- 9 Giraldo Sempavór
- 10 D. Fuas Roupinho (Milagre da Nazareth)
- 11 Tomada d'Alcácer
- 12 Rainha D. Mécia

- 13 O Bolonhez
- 14 O rei trovador
- 15 Rainha Santa Izabel
- 16 A Batalha do Salado
- 17 Ignez de Castro
- 18 A Rainha Adultera

CAROLUS DIDIER

≡ A ORGIA BIBLICA ≡

Romance passional, baseado na narrativa biblica

1 grosso volume, edição de luxo,
magnificas gravuras e capa artistica

700 rs.

NICK CARTER

O celebre policia americano

Aventuras extraordinarias e sensacionais do incomparavel detective

100 rs. CADA VOLUME CONTENDO SEMPRE UMA **RS. 100**
OBRA COMPLETA

Não existe um americano, seja elle quem fór, que desconheça o nome de **Nick Carter**, e todavia não existe talvez um unico homem em todos os Estados Unidos que garanta conhecer o rosto sympathico do mais celebre policia do mundo! O amigo mais intimo d'este famoso agente, o inspector Mc Clusk, o grande director da policia criminal de New York, duvida se alguma vez conseguiu ver **Nick Carter**, tal qual verdadeiramente é.

N'esta verdadeira maravilha do disfarce, n'esta incomparavel arte de se vestir, mudar de aspecto, de physionomia, de voz e de olhar, reside o segredo dos mais inacreditaveis exitos de **Nick Carter**. E' isto o que lhe permite arriscar-se sem que ninguém o reconheça aos mais audaciosos lances, entrando tanto nos salões aristocraticos, como nos mais horribes antros onde impera a escumalha da sociedade, onde o vicio vive de mãos dadas com as mais ignobres orgias.

OS MYSTERIOS DE NOVA YORK cidade que, outr'óra simples aldeia de pescadores, é hoje a segunda cidade do mundo, pelo tamanho, estando no caminho de tornar-se no futuro a Metropole da Terra; essa cidade na qual a vida é alegre ou triste, embriagadora ou miseravel como em nenhuma outra parte; onde a policia prende um gatuno de 3 em 3 minutos; um assassino de 8 em 8 horas; onde as prisões abarrotam dos mais sinistros personagens; essa cidade e todos os seus mysterios conhece-os

NICK CARTER

que narra pessoalmente as suas famosas proezas cada uma das quaes, publicada em volume, fórma um episodio completo.

Volumes publicados:

- 0 rei do crime 2. 0 ninho dos ratos 3. Demonio femenino 4. O cadaver falsificado 5. O ultimo crime de Carruthers. 6. O ranto d'um noivo. 7. Visinho mysterioso. 8. Caça aos milhões. 9. Um plano diabolico. 10. O rei dos gatunos. 11 O rapto da duqueza 12. Historia tragica d'um suicidio. 13. Uma casa de botata. 14 O homem da mão de ébano. 15. As joias de mr. Hackett. 16 Um electrico peigoso. 17 No Casino de Palm Beach. 18 Uma victima da sciencia. 19 O assassino de Fall River. 20 Aventuras d'um policia no Far-West. 21 Os poços de petroleo. 22 O Ol' do Diabo.

100 rs. O volume contendo sempre uma obra completa **100 rs.**

Dr. PEDRO GUERDES

O MEDICO POPULAR

Como nos devemos tratar

Como nos devemos curar

No titulo d'este livro, acha-se sufficientemente indicado o fim a que elle visa. A sua leitura diminuirá a inquietação nas familias, pois as doencas deixarão de lhes apparecer sob um aspecto mysterioso que se resentia da falta de conhecimentos de medicina

Um volume 8° grande illustrado

de 226 paginas e 1 appendice

700 reis — Elegantemente cartonado — **reis 700**